



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO,**  
**LINGUAGEM E SOCIEDADE (PPGELS)**

**GABRIELE SANTOS CARVALHO**

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO**  
**PARA O FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES NO**  
**SEMIÁRIDO BAIANO**

**CAETITÉ-BAHIA**

**2020**

GABRIELE SANTOS CARVALHO

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA  
O FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES NO SEMIÁRIDO  
BAIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual da Bahia -UNEB, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jaqueline dos Santos Cardoso

CAETITÉ-BAHIA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S237e

Santos Carvalho, Gabriele

Educação Empreendedora: Uma proposta de ensino para o fortalecimento dos jovens e adolescentes no Semiárido baiano / Gabriele Santos Carvalho.- Caetité, 2020.

93 fls.

Orientador(a): Prof. <sup>a</sup> Dr. Jaqueline dos Santos Cardoso.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS, Campus VI. 2020.

1.Educação Empreendedora. 2.Ensino. 3.Educação Básica.  
4.Semiárido.

CDD: 370

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO,  
LINGUAGEM E SOCIEDADE (PPGELS)

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O  
FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES NO SEMIÁRIDO BAIANO

Aprovada em: 14/12/2020

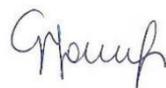
Nota: 9,3

BANCA EXAMINADORA:



---

Professora Dra. JAQUELINE DOS SANTOS CARDOSO  
Orientadora Presidente – UNEB



---

Professora Dra. GABRIELE MARISCO DA SILVA  
Examinadora Externa –  
UESB



---

Professor Dr. GLAUBER BARROS ALVES COSTA  
Examinador Interno – UNEB

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho de pesquisa aos meus alunos e minhas alunas. Aqueles que permitiram-me entender a importância de pensar em práticas transformadoras.*

## AGRADECIMENTOS

São tantos os agradecimentos que é um desafio sintetizá-los em poucas páginas. Primeiro quero agradecer a vida, essa dança cósmica de fruição divina, como disse Ailton Krenak a qual tentamos sempre reduzir a uma coreografia.

Agradeço a minha mãe, Eneide Oliveira Santos, por todo incentivo, cuidado e esforço que sempre fez para que eu continuasse os estudos. Ao meu pai, Zacarias da Silva Carvalho por todo apoio. Vocês são meus exemplos de perseverança. Estendo meus agradecimentos a todos meus familiares que de alguma forma contribuíram com incentivo aos meus estudos.

Existem pessoas que são iluminadas e irradiam luz onde passam. Assim foi que entrei no mestrado. Gratidão a essa professora mestre, amiga de sempre Maria Wane Brandão por me ensinar os primeiros passos dessa jornada. Agradeço também a Martirene Carneiro Alves, minha amiga de todas as horas. Obrigada pelo apoio, inspiração, cuidado e incentivo.

Uma vez dentro do Programa de Pós-Graduação Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual da Bahia, campus VI, conheci pessoas a quem preciso muito agradecer. Minha orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> Jaqueline dos Santos Cardoso, obrigada pela paciência e pelas orientações tão importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Em nome do professor Dr. Elizeu Pinheiro Cruz agradeço a todos os envolvidos no processo de criação e funcionamento do PPGLES. Grata por fazer parte da primeira turma de mestrado profissional da UNEB campus V, a universidade pública resistindo em tempos tão difíceis.

A universidade também me possibilitou outros encontros. Minha colega, amiga, orientadora extraoficial, companheira de viagens de volta para casa, obrigada por tudo Vânia. Grata a Angélica, Mary com quem compartilhamos o “recanto marajoara”.

Tharcizo, Pedro, Claudinho e Marquinhos, grata pelos momentos compartilhados. A Ailton, expresse minha gratidão por podermos flutuar juntos nas mais difíceis coreografias dessa dança cósmica.

Agradeço a Escola Municipal Castro Alves, por meio da equipe gestora do ano de 2019, Nilton Silva Rêgo e Ewerton Muitim Pereira por conceder o espaço para realização desta pesquisa de mestrado e por todo apoio disponibilizado para que eu pudesse conciliar trabalho e mestrado.

Preciso agradecer também aos meus ex-alunos. Em especial, as turmas de 8º na/série da Escola Municipal Castro Alves no ano de 2019 pela colaboração com a pesquisa. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que este estudo pudesse ser realizado.

### *Carta aos alunos e alunas*

Escrevo essa carta aos meus alunos e alunas que sem saber que na realidade eram meus professores, ensinaram-me, nesses pouco mais de seis anos que estou na prática docente, a entender a importância de pensar em uma prática transformadora. Lembro-me exatamente do início dessa jornada. Primeiro eu ensinava como aprendi, usava o exemplo que tive dos meus professores, outras vezes seguia apenas o livro didático, já que precisava correr para dar todo conteúdo do livro até o final do ano. Depois, fui descobrindo com a pesquisa, leitura e experimentação que existiam outras formas de ensinar e aprender.

Adentrei ao ensino na educação básica em 2011, uma oportunidade de substituir um professor de História, em um colégio de ensino médio. Na época, a jovialidade dos meus dezoito anos colocou-me frente a alunos e alunas, que grande parte, eram mais velhos do que eu. Descobri o que era ensinar, ensinando. Tomei gosto e entendo que essa é minha vocação. Assim, deixei os rumos de uma profissão técnica na área da saúde para mergulhar no universo do ensino.

Mais tarde, em 2014, já encontrava-me cursando licenciatura em Geografia e surgiu uma oportunidade de lecionar em uma escola de ensino fundamental anos finais. Dessa vez, entrei de fato na educação, e não sei mais. Sei que parece estranho a sequência da história, começar a lecionar para posteriormente adentrar a uma faculdade, porém essa ainda é uma realidade recente no Brasil.

No começo, foi tudo muito difícil, existem coisas no universo de uma escola que não estão escritas em lugar algum, existem regras e orientações que os professores e professoras novatos deveriam saber, mas só são aprendidas com a experiência. Dominar uma sala de aula de 6º ano superlotada com alunos e alunas de realidades distintas e com todo tipo de carência é um belo ambiente para revelar aos educadores que estão iniciando uma série de coisas que não são ditas.

Mesmo com a experiência do estágio na licenciatura, a relação agora é bem diferente. Você tem um emprego, essa é a sua turma e você precisa fazer com que eles aprendam, não quebrem a sala, façam silêncio, não saiam da sala, não levantem das cadeiras, não se agitem com as goteiras que estão molhando a sala toda e ainda tem que resolver os conflitos entre eles e algumas coisas mais.

Ao longo de seis anos na prática docente aprendi muita coisa, dentre as quais considero mais importante é ter aprendido a tentar escutar meus alunos e alunas. Há um

universo dentro de cada um, eles revelam suas dores, ânsias, alegrias. Muitos não dizem com palavras ou com gestos, utilizam a linguagem dos olhos e do silêncio. Eles dizem tudo, demonstram claramente se a aula estava chata, desinteressante, ou se entendem o que a gente fala. Na maior parte das vezes eles tem razão, nós professores estamos apenas fazendo uma educação de depósito.

Ressignificar nossa prática não é fácil, se estamos sempre a fazer e ler as mesmas coisas. Quando nos fechamos apenas ao livro didático para elaborar nossas aulas dificilmente teremos ação criativa para propor algo diferente. A formação continuada dos docentes, o incentivo à progressão de carreira para quem continuar estudando, o tempo para planejamento e salários dignos possuem papel fundamental nesse processo. Condições muitas vezes surreais especialmente para os educadores que trabalham por contrato temporário como trabalhei nesses seis anos.

A busca por alternativas de ensino que priorizem os alunos e alunas como seres humanos e possam fortalecê-los tornaram-se uma de minhas inquietações. Recordo-me de Freire & Short (2013) ao perceber que a motivação não acontece antes ou depois do ensino, mas durante. É preciso que a forma de ensinar mostre aos alunos e alunas a beleza que é conhecer. O objetivo de aprender não pode ser motivado pelo que está distante, meritocracia, provas, ou não encontrará um verdadeiro sentido. Dessa forma, é necessário também que o que se ensina parta das conexões do contexto daquele que se pretende ensinar buscando dar significância para o aprender.

Enfim, meus alunos e alunas, quero apenas agradecer, neste momento, pelos ensinamentos e pela paciência de permitirem que eu experimentasse tantas coisas que me levaram a descobrir que meu propósito mais do que ensinar é aprender com vocês.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

COVID 19- Corona Virus 2019

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

EMCA- Escola Municipal Castro Alves

GMB-General Motors do Brasil

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

JEEP - Jovens Empreendedores Primeiros Passos

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP- Projeto Político Pedagógico

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UNESCO - União das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa: Territórios de Identidade do Estado da Bahia, 2012.	18
Figura 2- Mapa do município de Botuporã-Ba-2021	19
Figura 3- Características do perfil empreendedor investigadas na pesquisa	27
Figura 4- Características do perfil empreendedor dos jovens e adolescentes, estudantes do 8º ano da EMCA em Botuporã-BA, 2019.	30
Figura 5- Classificação dos estudantes do 8º ano da EMCA em Botuporã-BA, por idade, 2019	31
Figura 6- Jogo sobre o continente africano utilizado na oficina de educação empreendedora na EMCA	57
Figura 7- Atividade quebra de paradigmas com imagem de ilusão de ótica na oficina de educação empreendedora na EMCA	58
Figura 8- Painéis elaborados na atividade desconstruindo e reconstruindo discursos da oficina de educação empreendedora na EMCA	61
Figura 9- Situação-problema utilizada na oficina de educação empreendedora na EMCA	62
Figura 10- Características empreendedoras dos estudantes antes ou após (PRÉ E PÓS) a oficina de educação empreendedora	66

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Características do perfil empreendedor investigadas na pesquisa	28
Quadro 2: Perguntas utilizadas para investigar o comportamento empreendedor dos alunos e alunas do 8º ano/série na Escola Municipal Castro Alves em Botuporã-BA.	29
Quadro 3: Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação básica que indicam o incentivo das características empreendedoras	41
Quadro 4 - Métodos e técnicas de educação empreendedora presentes e ausentes no currículo da Escola Municipal Castro Alves	46
Quadro 5: Sistematização de oficina com o conteúdo continente africano baseado na educação empreendedora	56
Quadro 6 - Perguntas utilizadas para investigar o comportamento empreendedor dos estudantes do 8º ano/série na EMCA, após a oficina de educação empreendedora	65

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
<b>CAPÍTULO 1: O PERFIL EMPREENDEDOR DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL CASTRO ALVES NO SEMIÁRIDO BAIANO.....</b>	<b>24</b>
1.1 AINDA NA LETRA A.....	24
1.2 EMPREENDE TU, EMPREENDA VOCÊ, EMPREENDAMOS NÓS.....	26
1.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	30
REFLEXÕES FINAIS.....	37
<b>CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: CURRÍCULO E ENSINO NO SEMIÁRIDO BAIANO.....</b>	<b>38</b>
2.1 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA PARA QUÊ?.....	38
2.2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO CURRÍCULO ESCOLAR.....	40
REFLEXÕES FINAIS.....	48
<b>CAPÍTULO 3: EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA COMO FERRAMENTA CRIATIVA.....</b>	<b>50</b>
3.1 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA COMO ALTERNATIVA.....	50
3.2 NOVAS FORMAS DE PENSAR A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.....	51
3.3 PENSANDO O LABORATÓRIO EMPREENDEDOR.....	54
3.4 APLICAÇÃO DA OFICINA.....	57
REFLEXÕES FINAIS.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	74
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICES.....	78
ANEXOS.....	87

## **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES NO SEMIÁRIDO BAIANO**

### **RESUMO**

Buscou-se, neste estudo, entender o potencial da Educação Empreendedora como uma ferramenta criativa de ensino para fortalecer os jovens e adolescentes na região semiárida baiana. O estudo aconteceu com um grupo amostral de 30 (trinta) estudantes da Escola Municipal Castro Alves, em Botuporã-Ba. A Educação Empreendedora, apesar de historicamente ter sua origem relacionada aos interesses empresariais, neste estudo, ela é proposta como uma ferramenta de ensino para Educação Básica que possa possibilitar a imersão por caminhos de uma educação transformadora. Nesse sentido, investigar a existência de perfil empreendedor, conhecer o currículo da referida escola, assim como propor uma oficina que pudesse despertar características empreendedoras foram passos importantes para entender o potencial da Educação Empreendedora proposto neste estudo. A observação participante e a aplicação de questionários compuseram a metodologia utilizada na pesquisa. Escolha que permitiu uma melhor coleta e análise dos dados, posto que em diversos momentos a pesquisadora adentra a convivência do grupo pesquisado encontrando respostas para perguntas que não foram feitas. Dessa forma, torna-se possível concluir que o potencial da Educação Empreendedora parece ser significativo, podendo fortalecer os jovens e adolescentes, bem como os professores envolvidos nesse processo, visto que o interesse dos estudantes pesquisados pelas aulas aumentou durante o desenvolvimento da pesquisa.

**Palavras-chave:** Educação Empreendedora; Ensino; Educação Básica; Semiárido.

## **EDUCACIÓN EMPRENDEDORA: UNA PROPUESTA DE ENSEÑANZA PARA EL FORTALECIMIENTO DE LOS JÓVENES ADOLESCENTES EM EL SEMIÁRIDO BAIANO**

### **RESUMEN**

En este estudio, se buscó comprender el potencial de la Educación Emprendedora como una herramienta de enseñanza creativa para fortalecer a los jóvenes y adolescente en la región semiárida de Bahía. El estudio se llevó a cabo con una muestra de 30 (treinta) estudiantes de la Escuela Municipal Castro Alves, en Botuporã-Ba. La Educación Emprendedora, a pesar de tener históricamente su origen relacionada con los intereses empresariales, en este estudio se propone como una herramienta didáctica para la educación básica que puede posibilitar la inmersión a través de trayectorias educativas transformadoras. En ese sentido, investigar la existencia de un perfil emprendedor, conocer el currículo de la referida escuela, así como proponer taller que pudiera despertar características emprendedoras fueron pasos importantes para comprender el potencial de la Educación Emprendedora propuesto en este estudio. La observación y la aplicación de cuestionario conformaron la metodología empleada en la investigación. Selección que permitió una mejor recolección y análisis de los datos, ya que en diversos momentos la investigadora ingresa a la convivencia del grupo investigado encontrando respuestas a preguntas que no fueron formuladas. Así, se puede concluir que el potencial de la Educación Emprendedora parece ser significativo, pudiendo fortalecer los jóvenes y adolescentes, así como a los docentes involucrados en ese proceso, ya que el interés de los estudiantes encuestados por las clases se incrementó durante el desarrollo de la investigación.

**Palabras-clave:** Educación Emprendedora; Enseñanza; Educación Básica; Semiárido.

## **ENTREPRENEURIAL EDUCATION: A TEACHING PROPOSAL FOR THE STRENGTHENING OF YOUNG PEOPLE AND ADOLESCENTS IN THE SEMI-ARID REGION OF BAHIA**

### **ABSTRACT**

In this study, we aimed at understanding the potential of Entrepreneurial Education as a creative teaching tool to strengthen young people and adolescents in the semiarid region of Bahia. The study took place with a sample group of 30 (thirty) students from Escola Municipal Castro Alves, in Botuporã-Ba. The Entrepreneurial Education, despite of having its origin related to business interests historically, in this study, it is proposed as a teaching tool for basic education that can enable immersion through transformative education paths. In this sense, investigating the existence of an entrepreneurial profile, knowing the curriculum of that school, as well as proposing a workshop that could awaken entrepreneurial characteristics were important steps to understand the potential of entrepreneurial education proposed in this study. Participant observation and the application of questionnaires made up the methodology used in the research. This choice allowed a better collection and analysis of data, since at different times the female researcher enters the coexistence of the researched group, finding answers to questions that were not asked. Thus, it becomes possible to conclude that the potential of Entrepreneurial Education seems to be significant, being able to strengthen young people and adolescents, as well as the teachers involved in this process, since the interest for the classes of the students surveyed increased during the development of the research.

**Keywords:** Entrepreneurial Education; Teaching; Basic education; Semi-arid.

## INTRODUÇÃO

Era final de setembro de dois mil e dezoito quando, em meio a conversas corriqueiras na sala dos professores, no período próximo ao término do ano letivo, uma professora faz um desabafo sobre se sentir incomodada pelo desinteresse dos alunos nas aulas e pela percepção dos mesmos sobre o sonho com um “sucesso financeiro” imediato, desvinculado dos estudos, ressaltando inclusive que eles cogitavam deixar a escola para trabalhar. Um processo, que, diante da dura realidade vivenciada nos dias atuais, implica na migração destes para os grandes centros urbanos. O relato não me causou estranheza, pois além de apresentarem comportamento semelhante em minhas aulas, se revelou como desabafo comum e recorrente entre os demais professores.

Nas minhas aulas de Geografia, uma vez por semana, as atividades eram realizadas na horta orgânica, onde os estudantes mergulhavam nos cuidados. Havia sempre a orientação para que se organizassem em grupos e cada um destes ficava responsável por tarefas específicas: regavam, faziam a limpeza; observavam a presença de animais indesejados e semeavam. Em meio a tantas tarefas, um aluno chamava atenção! Ele tinha uns treze anos, cursava o oitavo ano, devia ter pouco menos que um metro e vinte de altura. A aparência pequenina, quando comparada ao padrão de garotos de sua idade e a timidez geralmente apresentada, tornaram-se omissas. O garoto pequeno (no tamanho) promovia algo que muitos nem cogitam fazer: relacionar o conhecimento prático ao conhecimento teórico. Em certa ocasião, este aluno, ao observar um grupo que cuidava do plantio de novos canteiros, iniciou uma orientação. Ele contava como seus pais plantavam semeando sobre a terra fofa e jogavam farinha em volta do canteiro para ‘despistar’ as formigas. Os colegas, encantados, observavam-no atentos e logo cuidaram de seguir suas orientações.

A ocorrência narrada acima levou-me a inferir sobre como essas práticas são as melhores incentivadoras. Elas instigam a inovação das metodologias de ensino, despertando o interesse, a motivação dos estudantes para os estudos, bem como a aquisição de conhecimentos. Isso porque, o ato de observar e fazer leva à reflexões sobre a prática, num movimento dialético. Novas fertilidades vão surgindo na busca por uma educação transformadora. Deste modo e, seguindo nessa perspectiva, é que se tem o reconhecimento da possibilidade de emergir o trabalho com a Educação Empreendedora.

A origem da Educação Empreendedora possui relação com outros dois termos: empreendedor e empreendedorismo. Temas que, de acordo Braga (2003), se difundiram atrelados ao avanço do capitalismo. O autor aponta que a atenção para o tema

empreendedorismo começa a ser ressaltada no final da segunda metade do século XX, pois, após um intenso período de crescimento, o modelo capitalista entra em estagnação. Com isso, tem início uma forte estratégia para colocar em prática ideias neoliberais em ações de incentivo ao empreendedorismo que, como resultado, geraria possibilidades para tornar as pessoas cada vez mais produtivas e responsáveis por resolverem problemas de ordem econômica, como o desemprego e as desigualdades trabalhistas.

O ensino da Educação Empreendedora no Brasil é recente. O primeiro curso teve início em 1981, na Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas, e tinha como foco a criação de empresas (OLIVEIRA; MACHADO, 2011). Ao longo do tempo o ensino e os objetivos da Educação Empreendedora foram ampliados. Atualmente ela pode ser encontrada também na Educação Básica. Porém, nessa etapa de ensino, seu objetivo não está relacionado a efetiva abertura de negócios, mas sim no despertar do perfil empreendedor.

Os estudos sobre esse tema concentraram-se em duas áreas: uma relacionada aos economistas, que investigavam o poder do empreendedor dentro do sistema produtivo, e outra relacionada aos comportamentalistas, que procuravam entender as características comportamentais que um empreendedor apresentava. David McClelland é um nome de referência nos estudos sobre o comportamento empreendedor. Ele desenvolveu vários estudos entre 1960 e 1980, nos quais conseguiu identificar alguns comportamentos presentes em pessoas ou povos que conseguiam realizar seus objetivos com êxito. Na medida em que um grupo de hábitos e características foram mapeadas, passou-se a perceber que seria possível incentivar a aprendizagem e a propagação desses comportamentos por meio da Educação Empreendedora (KRÜGER; PINHEIRO; MINELLO, 2017).

A inserção da Educação Empreendedora na Educação Básica, apesar de nova, já é relativamente difundida. Existem diversas escolas no Brasil que possuem a Educação Empreendedora inseridas em seu currículo. Contudo, baseando-me em múltiplas abordagens desse tema e visando promover o entendimento plausível acerca da importância de sua adoção nas escolas de Ensino Básico, este estudo parte do questionamento: em que medida a Educação Empreendedora inserida na Educação Básica pode ser uma ferramenta para pensar ações criativas de fortalecimento dos jovens e adolescentes no semiárido baiano? Esta pesquisa é de abordagem mista. Com isso, para responder a este questionamento foram utilizados dois questionários com perguntas abertas e fechadas. Os dados quantitativos constituem-se fonte para elaboração dos gráficos e tabelas que contribuíram para a interpretação dos resultados. Também foi utilizada a análise de documentos do currículo

escolar e a observação participante, realizada com 30 estudantes da Escola Municipal Castro Alves, em Botuporã-Bahia.

Na observação participante, Whyte (2005) ressalta a importância de saber quando perguntar, se é conveniente perguntar e qual pergunta fazer no momento adequado. Nesse contexto, busca-se, ao longo da pesquisa, adentrar diversos momentos de vivência dos estudantes, como: fazer o lanche no refeitório, jogar dama, passar horas conversando sobre assuntos cotidianos, ter a companhia voluntária deles nos cuidados da horta no turno oposto. Sem fazer perguntas, a observação participante foi importante para interpretar as informações coletadas e obter respostas daquilo que não foi perguntado.

Nesse contexto, é importante destacar que os estudantes participantes da pesquisa possuem entre 13 e 18 anos, e frequentavam, em 2019, o 8º ano do ensino fundamental anos finais. O público escolhido pode ser definido como adolescentes de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 que, em seu artigo 2º, considera adolescente aquele ou aquela entre doze e dezoito anos de idade. Já os jovens são definidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), como o grupo de idade entre quinze e vinte e nove anos. É exatamente nesse grupo de jovens que as pesquisas do IBGE (2012) apontam a presença de uma geração identificada por um termo controverso, “nemnem<sup>1</sup>”, jovens que não estudam e nem trabalham, seja por condições diversas como desemprego, desinteresse ou falta de condições de continuar os estudos.

A proposta é descobrir os potenciais da Educação Empreendedora como uma metodologia que instigue a experiência de transformação e desperte o interesse dos estudantes. Indo na direção contrária à educação bancária que objetiva apenas o depósito de informações, coloca o professor e a professora como únicos detentores de conhecimentos, suprimindo assim, a criatividade do discente e docente que poderiam ocorrer no processo de troca de saberes (FREIRE, 1996).

Para entender melhor o que se propõe neste estudo é importante conhecer o espaço onde a pesquisa foi realizada. Trata-se do Semiárido baiano, área marcada por longos períodos de estiagem e pela predominância da vegetação de caatinga. Lugar também em que

---

<sup>1</sup> O termo “nemnem” origina-se da sigla Neet (Not in Education, Employment, or Training), surge na Inglaterra para falar dos primeiros estudos sobre os jovens que não estudavam ou trabalhavam, porém no Brasil a tradução torna o termo pejorativo, visto que o que seriam termos técnicos em inglês no português passa a impressão de que os jovens não trabalham nem estudam por vontade própria desconsiderando o contexto histórico social em que eles vivem. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25801-nem-nem>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

muitos camponeses resistem aos longos períodos de estiagem que historicamente são apontados como principal fator da migração massiva para a região Sudeste e, conseqüentemente, por altas taxas de evasão escolar. O estado da Bahia, apesar de apresentar uma redução na taxa de evasão escolar nas últimas décadas, apresentou índice de 7,1% no ensino fundamental, anos finais (IBGE, 2017). Numa melhor delimitação acerca do lócus desta pesquisa, destaca-se que a escola está inserida no Território de Identidade 12, Bacia do Paramirim (Figura 1).

**Figura 1-** Mapa: Territórios de Identidade do Estado da Bahia, 2012.



Num olhar mais preciso, pode-se perceber que além dos problemas causados pela longa estiagem, os municípios que integram o Território de Identidade 12, onde está inserido o município de Botuporã (Figura 2), possuem juntos, o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 536 milhões, o menor produzido entre os 25 territórios de identidade baianos (IBGE, 2009).

No entanto, as condições naturais não são as causas de todos os fatores. É preciso questionar a deficiência de políticas públicas efetivas que instiguem práticas permanentes de acesso à água e à geração de renda no Semiárido. A indústria da seca gera riquezas apenas para uma pequena parcela da população. Romper esse paradigma é um caminho para combater as mazelas trazidas por essa indústria. Nesse ponto, considerando as dificuldades que a seca produz, destaca-se a relevância do reconhecimento dos saberes do povo do Semiárido utilizados no enfrentamento diário da escassez de recursos diversos, mas que ainda assim, se reinventam e sobrevivem a essas dificuldades.

Ao utilizar termos como Semiárido e destacar a localização do território botuporãense, é preciso salientar que o estudo realizado considera apenas os jovens e adolescentes que cursavam o 8º ano em 2019, na Escola Municipal Castro Alves, partindo de uma problemática apresentada na escola.

**Figura 2** - Mapa do município de Botuporã-Ba-2021



**Fonte:** Google Maps, 2021<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-13.3772835,-42.4795411,11.25z..> Acesso em 08 de mar. 2021.

Tratar de Educação Empreendedora nesse território difere consideravelmente de outros espaços. É preciso considerar que a quantidade de infraestrutura, a forma como as pessoas pensam e se relacionam são mecanismos que compõem o “território usado”. Souza (2019, p. 7), afirma que “[...] o território só existe quando usado, praticado. Ele é a expressão histórica do espaço geográfico [...]”. Nessa linha e, a partir das considerações de Milton Santos, a autora apresenta o território usado como abrigo, território de todas e todos. Já o território como recurso é de uso das empresas. Logo, aspectos como economia local, qualidade de vida e a perspectiva de futuro na região Semiárida, são influenciados pela produção histórica desse território que expressa o espaço geográfico.

Outra questão relacionada à forma como as pessoas pensam é a falta de referência. Geralmente os estudantes se espelham no que estão à sua volta. Tomo o exemplo de uma amiga pedagoga para explicar a questão da referência: Em certa ocasião, conversávamos sobre a educação de seus sobrinhos, para quem ela estava fazendo uma orientação de estudos com intervalos para brincadeiras. Ao observá-los nesses intervalos, ela analisava os personagens criados e as evidências de reprodução de suas vivências diárias no âmbito familiar. Nesse dia em particular, as crianças reproduziram ocorrência vivenciada pelos pais que, ao buscar a mãe no trabalho, a motocicleta apresentou problemas mecânicos. As crianças então recriaram aquela ocorrência, visando solucionar o problema.

Na situação narrada acima, as crianças não estão determinadas a seguirem a mesma profissão dos pais. Porém, os aspectos econômicos e as experiências pelas quais elas estão cercadas em seu espaço de vivência influenciam em suas escolhas. Se é que podemos chamar de escolha quando não se tem acesso a condições básicas de sobrevivência ocasionadas por fatores históricos que condicionam essa desigualdade.

Por vezes, as alunas e os alunos do 8º ano, da Escola Municipal Castro Alves, conversavam entre si pelos corredores, ou falavam abertamente durante as aulas de Geografia sobre seus trabalhos como doméstica, babá, vendedor de picolé e objetivos futuros. Eles contavam também sobre os bens materiais que almejavam possuir e de como seus parentes, primos, tios e até os próprios pais, conseguiam esses objetos por meio do trabalho nos grandes centros urbanos, sem precisar concluir o ensino fundamental. Nessa perspectiva, tem-se o reconhecimento de que ignorar a realidade desses adolescentes e jovens é desconsiderar a “leitura de mundo” (FREIRE, 1989, p.9). Já que essas leituras precedem o conhecimento escolar.

De certa forma, a história de sucesso financeiro dos parentes de alguns estudantes ajuda a reproduzir a busca pela condição de sucesso financeiro imediato, ressignificando a escola como algo que impede o alcance desse objetivo. O consumo de mercadorias é necessário para nossa existência dentro da organização da sociedade de mercado, porém, o culto ao consumo, ultrapassa o que precisamos para uma sobrevivência digna.

Para Santos (2017) o culto ao consumo é incentivado para esconder a globalização perversa. No seu lugar é contada uma fábula que prega a falsa ideia de aldeia global, referindo-se ao encurtamento das distâncias e a fluidez da informação, como se todos os locais e pessoas estivessem integrados numa “aldeia global”, quando na verdade as desigualdades locais são aprofundadas.

As regras do culto ao consumo não deixam lugar para valorização das riquezas milenares e a forma de vida simples nos cuidados com a terra, tão pouco para relações de cooperação sem base no dinheiro. Assim como os jovens asiáticos, mostrados no documentário “Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco<sup>3</sup>”, os jovens e adolescentes participantes desta pesquisa tendem a não valorizar os conhecimentos dos pais sobre a terra e o plantio. Ao contrário, veem a vida no campo como algo atrasado, e, como alternativa, depositam suas esperanças algumas vezes nos estudos ou na migração para os grandes centros para conseguirem um “futuro melhor”.

Paradoxalmente, ao finalizar o ciclo básico de ensino, os conhecimentos escolares adquiridos não servem para viver da terra, nem asseguram vagas para continuar os estudos na educação superior. E para aqueles que conseguem cursar o ensino superior, contudo, o diploma não garante o emprego. Apesar de tais condições, não se pode diminuir a importância da educação pública de qualidade. Mesmo entendendo que ela não representa a resolução de todos os problemas, continua sendo um elemento fundamental para a prática transformadora de qualquer sociedade. Deste modo, é preciso defender enfaticamente a garantia de acesso e permanência na escola e na universidade, permitindo assim, a educação para todas e todos.

É dentro desse contexto que a Educação Empreendedora sugere resgatar características que os seres humanos possuem desde a infância, mas que ao longo da vida vão sendo adormecidas. O despertar dessas características precisa ser instigado para que seja possível outras conexões nas formas de perceber, imaginar e agir. Algumas dessas características podem ser: a perseverança, a proatividade, a busca de conhecimentos, a persuasão, a liderança e a autoconfiança.

---

<sup>3</sup> Documentário: *Schooling The World: the white man's last burden*. Dirigido pela escritora e cineasta Carol Black, 2010. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6t\\_HN95-Urs](https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs). Acesso em 05 jul. 2020.

A perseverança está relacionada a capacidade de não desistir; buscar soluções para enfrentar os problemas, é atributo de alguém com proatividade; a busca de conhecimentos possui a curiosidade e a motivação como aspectos centrais; a liderança implica em dialogar; a autoconfiança está em torno da autoestima e confiar em si mesmo; a persuasão diz sobre o quanto é possível usar de argumentos para mostrar paixão pelo que você acredita e luta (DOLABELA, 2006).

O ensino da Educação Empreendedora na Educação Básica não deve ter como único fim a autonomia dos indivíduos. Caso contrário, incorre-se no risco de selecionar indivíduos através de critérios como capazes e incapazes, além de incentivar a competitividade e a levar a interpretações precipitadas no que tange a práticas pedagógicas empreendedoras como solução para questões como a miséria, fome e desemprego. Outro equívoco possível é interpretar que cada indivíduo pode resolver “seus problemas” na medida que gerar seu próprio emprego.

Igualmente importante é o trabalho com a coletividade. A responsabilidade em pensar formas de resolver ou amenizar o problema da desigualdade social não é de uma pessoa, é de todos. Individualizar problemas sociais é uma forma de promover a competitividade e a meritocracia. Soares (2000, p. 225), faz alusão a essa prática educativa, ao dizer que “[...] a noção de atividade implica, dessa forma, transformar a escola numa pequena “comunidade de trabalho”, onde as crianças são educadas para se integrarem numa ordem social desigual.”

A Educação Empreendedora que objetiva promover o desenvolvimento humano não pode ser compatível com a ideia, segundo a qual, o jovem é o único responsável por seu fracasso ou sucesso, da mesma forma, não se pode ignorar as desigualdades históricas, ou reproduzir, em alguma medida, a educação tecnicista que possuía foco em formar sujeitos eficientes e produtivos para alimentar o modo de produção capitalista (SILVA, 2016).

Considerando todo exposto até aqui, objetivou-se nesta pesquisa entender a capacidade da Educação Empreendedora inserida na Educação Básica como ferramenta para ações criativas de fortalecimento dos jovens e adolescentes no semiárido. O texto desta dissertação encontra-se organizado em 3 (três) capítulos, partindo de objetivos específicos. No capítulo 1, objetivou-se identificar o perfil empreendedor nos jovens e adolescentes por meio de processo observacional e aplicação de questionário; os quais permitiram inferir que os pesquisados apresentavam comportamentos característicos de perseverança, proatividade e de busca por conhecimentos; elementos estes que são comuns ao perfil empreendedor.

Já o capítulo 2 foi marcado por uma investigação acerca de elementos ligados à Educação Empreendedora no currículo da Escola Municipal Castro Alves, localizada no

município de Botuporã-Ba. Este processo teve como foco a busca e o estabelecimento de uma reflexão sobre a importância da Educação Empreendedora na vida dos jovens e adolescentes da região, associada à utilização do método de observação participante. As conclusões obtidas nesse processo demonstraram que a escola não possui explicitamente elementos ligados à Educação Empreendedora em seu currículo, muito embora se tenha o reconhecimento de que os alunos possuem habilidades interligadas a essa prática. Vale destacar que a observação participante contribuiu para identificar que a Educação Empreendedora pode ser importante na formação pessoal.

Dando seguimento aos estudos, o capítulo 3 foi escrito com base no desenvolvimento de um produto educacional a partir de uma oficina sobre Educação Empreendedora, com a qual possibilitou-se investigar seu potencial em despertar características do perfil empreendedor. Para análise deste procedimento, a realização de um levantamento de dados foi comparado, tendo por base informações que antecederam e sucederam a supramencionada oficina. Elementos condicionantes estes que permitiram concluir que a proposta de ensino tem potencial significativo para despertar características empreendedoras, bem como o aumento do interesse pelas aulas na instituição lócus do estudo. Realidade esta que se encontra atrelada à existência de fatores externos que influenciam na formação e aprendizagem dos sujeitos. A pesquisa também evidencia que o potencial de desenvolvimento da Educação Empreendedora repercute não só nos jovens e adolescentes, mas também em todos os sujeitos envolvidos com a proposta.

Por fim, enfatiza-se que, como produto educacional desta pesquisa de mestrado profissional, foi disponibilizado um *e-book* intitulado: Guia para Educação Empreendedora na Educação Básica. A discussão de sua elaboração e aplicação é descrita no capítulo 3.

## **CAPÍTULO 1: O PERFIL EMPREENDEDOR DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL CASTRO ALVES NO SEMIÁRIDO BAIANO**

**Resumo:** O propósito deste texto é investigar a existência de perfil empreendedor nos jovens e adolescentes da Escola Municipal Castro Alves, em Botuporã, Semiárido baiano. A pesquisa foi realizada com um grupo de 30 (trinta) estudantes do 8º ano/série do ensino fundamental, anos finais, por meio da utilização de questionário e observação participante. Nesse passo, cabe salientar que possuir perfil empreendedor é entendido, por autores como Dolabela (2006) e Fillion (1999), como um estado permeado pela presença de algumas atitudes como: perseverança, curiosidade, planejamento e proatividade. Apresentar esses comportamentos, independentemente da frequência, pode ser útil na resolução de problemas do cotidiano e também facilitar os estudos. Deste modo, os resultados obtidos permitem entender que, embora os jovens e adolescentes pesquisados possuam características do perfil empreendedor (perseverança, proatividade, busca de conhecimentos, planejamento), elas estão presentes com maior intensidade apenas em um pequeno grupo de estudantes. Por isso, pensar em uma proposta que instigue tais características pode ser importante para a formação pessoal desses jovens e adolescentes.

### **1.1 Ainda na letra A...**

Sete horas da manhã. O sinal da escola tocou pontualmente, avisando aos adolescentes que corriam e conversavam pelo corredor que a aula começaria naquele instante. Após um caloroso bom dia, a chamada é iniciada. No segundo nome, uma aluna ainda na letra A, apresentava grande quantidade de faltas. Fazia dias que não comparecia e não apresentou atestado. Logo, chega a informação da direção que a aluna deixou a escola, pois havia passado por um aborto, correndo sérios riscos de vida.

Poderia ser apenas um caso pontual, porém, essa é uma realidade presente na vida dos estudantes da E.M.C.A que, infelizmente, tende a influenciar no desenvolvimento educacional. Deste modo, ao evidenciar a realidade dessas ocorrências, infere-se que, para investigar a presença de perfil empreendedor nos jovens e adolescentes de Botuporã, se faz necessário considerar as diversas problemáticas comuns à massa jovem, como a violência e a depressão. Há ainda o fato de estarem inseridos num território deficitário de infraestrutura, com poucas

condições de acesso e permanência na escola, presença de trabalho infantil e vulnerabilidade das condições socioeconômicas da família dos estudantes.

A indústria da seca instaurada a partir das condições climáticas do Semiárido produziu, ao longo de anos, um êxodo rural massivo para as grandes metrópoles, especialmente para a região Sudeste do país. O desejo de migrar para o estado de São Paulo em busca de melhores condições de vida fez, e ainda faz parte da infância de muitos baianos, a exemplo dos jovens e adolescentes de Botuporã-BA. É importante destacar que um dos problemas associados à migração está diretamente relacionado ao abandono escolar. Apesar de ter recuado 4,1 pontos percentuais em 2015, a taxa de evasão foi de 7,1% no ensino fundamental anos finais (INEP, 2017). Esses dados muitas vezes não representam com fidedignidade a realidade, pois se o aluno acaba evadindo antes do censo escolar ele não será contabilizado no índice de evasão. O número de estudantes que não retornam à escola após vários anos de reprovação, também não é levado em consideração pela escola.

Conversas sobre deixar a escola para trabalhar, ou mesmo constituir família a partir do casamento, eram frequentes dentro e fora da sala de aula. Os estudantes tinham como exemplos parentes que conquistaram bens materiais sem precisar dos estudos. Em algumas turmas as conversas sobre esse assunto surgiam espontaneamente. *“Meu primo trabalhando no gesso ganha mais que a senhora professora”*. Ele estava certo, porém, outros argumentos eram utilizados na conversa para que pudessem refletir e ampliar sua visão.

Retomando as considerações acerca do perfil empreendedor, Chiavenato (2007) destaca os estudos realizados por David C. McClelland que, induzido pelo questionamento de ser possível substituir o homem americano pelo homem soviético, realiza estudos sobre os fatores que levaram ao surgimento de grandes civilizações. Um ponto identificado por McClelland era a presença de heróis na literatura. O que demonstra a importância de referências no desenvolvimento de um perfil empreendedor. Assim, compreende-se que referências disponibilizadas e acessadas pelo sujeito, somadas às condições do espaço em que vivem, de ordem econômica ou natural, também precisam ser consideradas ao se discutir a formação pessoal e profissional.

A reflexão a partir da utilização de heróis na literatura como impulsionadores de grandes civilizações é interessante por levantar inquietações. Começando por quem é esse herói? Não poderia ser uma heroína? Ele(a) é negro? branco? Essas são observações que possibilitam imaginar aspectos que influenciam a formação dos jovens e adolescentes de uma nação. Os elementos constitutivos do imaginário de herói ou heroína de cada jovem e adolescente torna-se, muitas vezes, referência a ser seguida e reproduzida.

Como investigar a presença de perfil empreendedor nesses jovens? Será que eles possuem tal perfil diante do contexto em que vivem? Antes de responder estas perguntas, é importante compreender e conceituar o perfil empreendedor.

Essa pesquisa objetivou investigar a presença de perfil empreendedor nos jovens e adolescentes estudantes do 8º (oitavo) ano/série do ensino fundamental, anos finais na EMCA no município de Botuporã-BA. Para isso foi utilizado um questionário com perguntas descritivas e objetivas (Apêndice 3) sobre o comportamento dos estudantes em relação aos compromissos escolares e seus sonhos. Em paralelo, adotou-se a escrita do tipo etnográfica em educação como inspiração e para descrever as observações e experiências durante a realização da pesquisa.

## **1.2 Empreende tu, empreenda você, empreendamos nós**

Com a maior incidência de estudos na área do empreendedorismo, tem-se tornado recorrente dizeres no sentido de que qualquer um pode empreender, ou que a solução para todos os problemas está no empreender. Mas quem é o empreendedor, afinal?

Os comportamentalistas a partir de uma série de estudos definiram algumas características comuns aos empreendedores. Nesse sentido, Chiavenato (2007, p. 7,) aponta que “[...] estudos psicológicos sobre o empreendedor ainda são incipientes e as pesquisas apresentadas até este momento são consideradas duvidosas, em relação ao rigor científico e analítico”. Já Barlach (2014), afirma existir uma dificuldade em encontrar consenso na literatura sobre a definição de empreendedor. Nessa discussão, ainda é preciso considerar que cada pessoa possui seu entendimento sobre ser ou não empreendedor.

Determinar especificamente uma pessoa como empreendedora é inviável. Contudo, alguns autores elencam características que parecem ser comuns aos empreendedores. Para Chiavenato (2007) e Dolabela (2006), o empreendedor é aquele que demonstra imaginação e perseverança, podendo ser também alguém que sonha e age para alcançar seus sonhos. Com esses indícios, é possível perceber que o empreendedor é alguém em movimento. Uma pessoa que cria, busca e persevera. Essas características, segundo os autores, podem ser apreendidas desde que a pessoa esteja envolta por um ambiente que condicione esse comportamento.

É possível aprender a ser empreendedor e é também possível que se ofereçam a essas pessoas melhores condições para o desenvolvimento desse potencial. Por isso, dizemos que não é possível ensinar – no sentido de transferir conhecimentos a alguém –, mas é possível que se aprenda a ser empreendedor (DOLABELA, 2005, P. 14).

Entende-se do exposto acima que a aprendizagem voltada ao empreendedorismo parte de um procedimento marcado pelos estímulos de características potenciais ligadas ao ato de empreender. Deste modo, tais características, embora não possam ser ensinadas, podem ser identificadas e/ou estimuladas a partir do momento em que se apresentam (Dolabela, 2005). Assim, o ato de ‘ensinar’ no contexto empreendedor se apresenta como um ato de ‘despertar’ e de ‘aperfeiçoar’ potenciais identificados. No mesmo sentido, Braga (2003, p. 50) em pesquisa sobre a capacidade de ensinar a ser empreendedor, expõe:

[...] a aprendizagem é compreendida como a modificação do comportamento obtida por meio de eventos externos (estímulos), que atuando sobre o indivíduo provocam (ou aumentam a probabilidade de provocar) uma resposta específica como reação a esse estímulo. Desse modo, os fatores ambientais condicionam o comportamento individual, dele derivando o aprendizado.

Ensinar a empreender requer uma metodologia adequada que torne possível estimular tais comportamentos, tido por Dolabela (2006) como uma potência. O perfil empreendedor pode ser encontrado desde a infância. Porém, o processo disciplinar sobre o corpo desde os primeiros anos do ensino fundamental, tais como: sentar-se em filas, o tempo programado para pensar sobre cada assunto, o que se deve desenhar, quais cores deve pintar, entre outros, se destacam como formas de organização da criança em um processo que se caracteriza por padrões. Fatores como esses condicionam uma estagnação da imaginação e da curiosidade, características essenciais de quem possui um perfil empreendedor (Quadro 1).

É importante salientar que pesquisar o perfil empreendedor em jovens e adolescentes no semiárido baiano não possui relação com o incentivo à criação de negócios ou formação de pessoas autônomas e individualistas. Ao contrário, o objetivo é entender como a presença do perfil empreendedor pode impulsionar ações criativas e, conseqüentemente, contribuir para a prática empreendedora no futuro.

E para atender ao objetivo proposto, foi definida amostra composta por 30 (trinta) estudantes do ensino fundamental anos finais, dispostos em duas turmas de 8º (oitavo) ano da Escola Municipal Castro Alves, no município de Botuporã-Bahia. Os participantes foram escolhidos conforme a vontade e disponibilidade de cada aluno e aluna em participar, após a autorização prévia do responsável, atendendo às exigências previstas pelo comitê de ética.

As características empreendedoras averiguadas neste estudo estão elencadas no Quadro 1, elaborado com base nas referências teóricas de McClelland (1967), Filion (1989),

Dolabela (2006) e Rocha & Freitas (2014) e apresentam as características empreendedoras e uma breve descrição sobre cada uma.

**Quadro 1.** Características do perfil empreendedor investigadas na pesquisa

<b>Características</b>	<b>Descrição</b>
Perseverante ou persistente	Insiste em seus objetivos e sonhos, mesmo diante da necessidade de exercer um grande esforço.
Autoconfiante	Possui confiança em si mesmo e no que faz.
Líder	Facilidade para organizar e agir com iniciativa dentro de propostas coletivas.
Persuasivo	Tem capacidade de argumentação e de demonstrar que acredita em seu próprio projeto ou ideias.
Planejador	Pessoa que se prepara para o futuro, analisa cenários possíveis e estabelece metas.
Buscador de conhecimentos	Está sempre em busca de novos conhecimentos, é curioso.
Proativo	Antecipar-se aos problemas, possui iniciativa e responsabilidade.

**Fonte:** Adaptado de Rocha & Freitas (2014).

Rocha & Freitas (2014), em pesquisa com universitários, avaliaram a influência do ensino do empreendedorismo por meio do perfil empreendedor, utilizando os mesmos aspectos sugeridos por Schmidt & Bohnenberge (2009) no trabalho: “Perfil empreendedor e desempenho organizacional”. Ao verificar os resultados, eles identificaram que os estudantes universitários expostos à Educação Empreendedora possuíam maior presença de tais características quando comparados àqueles que não estavam expostos a essa metodologia. Perceberam, também, que alguns aspectos empreendedores se sobressaem mais que outros, fato esse que pode ser consequência da forma de ensino ou por outros fatores não identificados.

As inferências advindas dos resultados encontrados pelos autores supracitados, serviram de inspiração para o estudo do perfil empreendedor dos alunos que compuseram esta pesquisa. Vale ressaltar que nas buscas bibliográficas realizadas no *Google* acadêmico e no *Scielo.org* não foram encontradas publicações que se dedicassem a esse objetivo na Educação Básica, muito menos na região semiárida. Contudo, a partir de outra busca, dessa vez realizada no acervo da Universidade Estadual da Bahia, Campus VI, foi encontrado o Trabalho de Conclusão de Curso de Maurizete Jesus Silva, intitulado: “Educação Empreendedora no Curso de Ciências Biológicas do Campus VI – UNEB”. Nesse trabalho, a

autora investigou a percepção dos alunos sobre a Educação Empreendedora e percebeu que a maioria deles consideravam a Educação Empreendedora importante para sua formação.

As características apontadas no quadro 1 serviram de base para elaboração do questionário, instrumento de coleta das informações sobre o perfil empreendedor, produzido com nove perguntas abertas e fechadas. Este foi entregue aos participantes que receberam as seguintes orientações: marcar uma alternativa ou atribuir um número que representasse a intensidade do comportamento empreendedor, representado pela seguinte escala: 1 (nunca); 2 (raras às vezes); 3 (algumas vezes) e 4 (sempre). Inicialmente, o participante deveria informar nome e idade. Em seguida, responder a primeira pergunta, assinalando “sim” ou “não” sobre demonstrar se já possuía algum conhecimento sobre o assunto. Já na segunda pergunta, foi o momento de expor o conceito que mais se encaixava para o empreendedorismo, de acordo os conhecimentos prévios de cada um. Posteriormente, os participantes tiveram que atribuir um número para cada comportamento descrito nas questões de 3 (três) a 6 (seis), objetivando identificar a presença das características a partir dos hábitos.

**Quadro 2:** Perguntas utilizadas para investigar o comportamento empreendedor dos alunos e alunas do 8º ano/série na Escola Municipal Castro Alves em Botuporã-BA.

Número para ser atribuído:(0) nunca, (1) raras vezes, (2) algumas vezes, (3) sempre		
Nº	Descrição	Característica
Questão 3	Não desisto fácil das coisas. Na escola considero que sou uma pessoa persistente apesar das dificuldades. Se não consigo responder uma atividade, busco ajuda, leio novamente até entender ou resolver. Acredito que tudo vai dar certo no final, independente das dificuldades enfrentadas.	Persistência ou perseverança e autoconfiança.
Questão 4	Sou escolhido para liderar os trabalhos e atividades. As pessoas pedem minha opinião sobre assuntos na escola ou em casa e geralmente influencio a opinião delas sobre algum tema discutido.	Liderança, persuasão.
Questão 5	Planejo tudo que vou fazer e estabeleço prazos (data para cumprir) e formas de alcançar o que planejei. Quando as coisas não dão certo, busco a melhor forma de resolver.	Planejador e proativo.
Questão 6	Estou sempre em busca de novas informações, leio notícias, livros e busco descobrir a origem das coisas e aprender a fazer coisas novas.	Busca de conhecimentos.

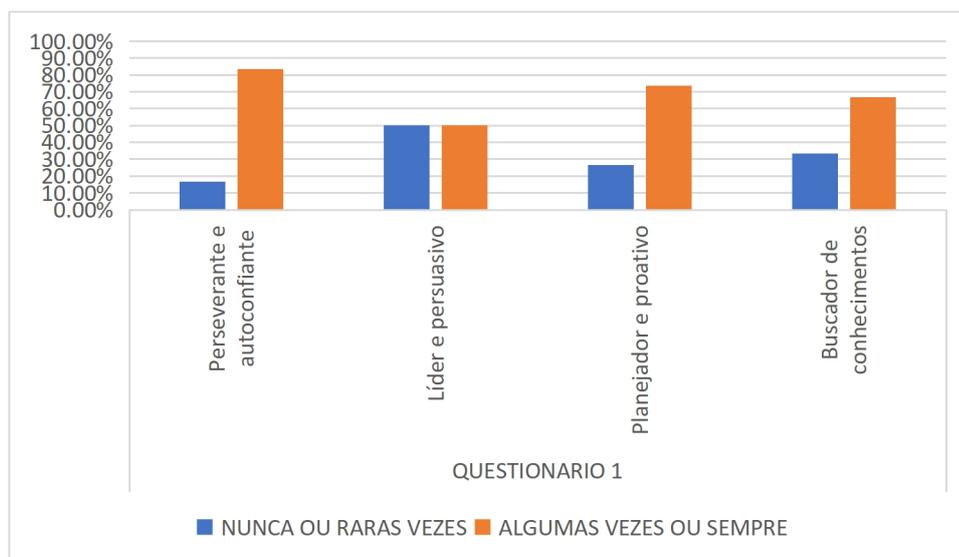
**Fonte:** Elaborado pela autora (2020).

Após o pesquisado finalizar a indicação do comportamento empreendedor, sucederam as questões 7 (sete), que objetivou conhecer os sonhos de cada estudante; a questão 8 (oito), voltada a investigar a existência de familiares que possuíssem algum tipo de negócio ou trabalho relacionado a vendas, e, por fim, a questão 9 (nove), dedicada a averiguar quais as perspectivas de futuro de cada pesquisado.

### 1.3 Apresentação dos resultados

Ao considerar a afirmação de Dolabela (2006), a respeito do poder do empreendedor em dinamizar em busca de um sonho, poderíamos relacioná-la aos desafios dos estudantes diante da reprovação em um contexto socioeconômico e político marcado pela falta de emprego, carência de recursos para necessidades básicas e deficiência de políticas públicas adequadas ao Semiárido. O autor destaca perseverança e autoconfiança como características mais importantes para um empreendedor. De acordo com a figura 3, tais características estavam presentes em 83,40% dos estudantes algumas vezes ou sempre. Enquanto apareciam nunca ou raras vezes em 16,60% dos estudantes. Esse resultado reforça o que foi identificado na observação participante, posto que boa parte dos estudantes enfrentam dificuldades adversas que vão além do contexto escolar, porém, continuam insistindo em seus objetivos.

**Figura 3-** Características do perfil empreendedor dos jovens e adolescentes, estudantes do 8º ano da EMCA em Botuporã-BA, 2019.

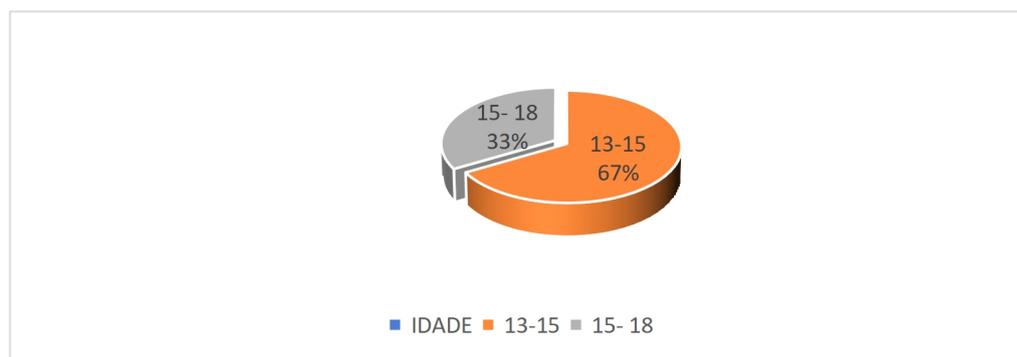


**Fonte:** Elaborado pela autora (Dados coletados em 12/2019).

De forma geral, características como a perseverança, autoconfiança, liderança, persuasão e buscador de conhecimentos foram identificadas como perfil empreendedor de maior recorrência entre os estudantes. Ainda sobre a autoconfiança, talvez seja possível relacionar o índice de 16,6% (nunca ou raras vezes) com outros dados. Entre eles, a faixa etária dos estudantes e a reprovação, posto que 33% dos pesquisados possuem entre 15 e 18 anos (Figura 4), o que demonstra que um terço dos participantes não estão cursando o ano/série adequado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (LDB) em seu Art. 2º define a composição da Educação Básica em educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Para cada nível de ensino, existe uma faixa etária considerada adequada para que essa etapa de formação básica seja concluída pelo sujeito aos 18 anos de idade. Entre os 11 e 14 anos, o estudante deve estar cursando o ensino fundamental anos finais. Aqueles que não se encaixam no nível de ensino adequado para a idade são classificados como alunas e alunos com distorção idade série, geralmente causada pela reprovação (BRASIL, 1996).

**Figura 4-**Classificação dos estudantes do 8º ano da EMCA em Botuporã-BA, por idade, 2019



**Fonte:** Elaborado pela autora (Dados coletados 12/2020).

Diante do exposto, é perceptível que a reprovação permeia as experiências dos estudantes. Elemento que pode reverberar no perfil empreendedor. O estudante reprovado, independentemente dos motivos, recebeu da instituição escolar uma afirmação de que ela ou ele não é capaz. No contexto de seguidas reprovações, o estudante encontra em si a dificuldade de ser criativo, manter a perseverança e ter curiosidade para buscar novos conhecimentos.

O problema da reprovação recorrente nem sempre é individual. No mínimo há uma negligência do Estado na medida em que, após anos de reprovação, não é oferecido nenhum

suporte pedagógico ou psicológico ao estudante reprovado, que vive em condições sociais e econômicas adversas. Não sendo raro encontrar casos de estudantes que deixam a escola.

Outro grupo de características investigadas foi a liderança e a persuasão, Schmidt & Dreher (2008) relacionam a persuasão à forma pela qual podemos influenciar e persuadir pessoas a acreditarem em uma ideia. Dos estudantes pesquisados, 50% responderam que nunca ou raras vezes lideraram um trabalho ou são solicitados a opinar sobre algum assunto. Enquanto 50% afirmaram liderar e opinar algumas vezes ou sempre. Esse grupo de características requer atenção para o que ocorre de forma generalizada nas salas de aula espalhadas pelo Brasil, a organização dos estudantes em grupos para elaboração de trabalhos coletivos. Esse é um momento em que o comportamento de liderança e persuasão pode ser identificado. As relações de poder no interior da sala determinam os grupos que irão se formar e quem irá liderar cada um. Da mesma maneira, revela quem emitirá opinião e como ela será aceita pelo grupo.

Os fatores que determinam essas relações também podem ser externos à escola e serem condicionados pelo contexto social e econômico de onde os estudantes são oriundos. Esse dado revela outras relações de poder, não apenas entre os estudantes, mas também no que se refere à atuação dos docentes na condução das aulas. A atenção e cuidado do professor quanto ao planejamento de uma aula inclusiva é importante para democratizar o direito de todos os estudantes em aprender.

Para refletir sobre a característica empreendedora e de planejamento, recordo-me das reflexões de Tsing (2019). A autora utiliza o exemplo do *zoom*, que faz ampliar e reduzir uma foto digital, para mostrar como o Antropoceno enaltece a exatidão. A precisão é contraditória, perturbadora, porém bela. Assim, modelos de escalabilidade são reproduzidos criando disfarces para que não seja possível ver a heterogeneidade global. O sujeito planejador, organiza seu tempo, sistematiza suas tarefas e objetivos, define um prazo para executá-las e replaneja quando surgem imprevistos. Essa característica precisa ser utilizada a favor de expandir nossas conexões com o tempo e com a existência que estejam além de reproduzir modelos de escalabilidade para produtividade humana.

Portanto, possuir características como planejar e ser proativo nesses tempos pode ser importante. Apenas 26,6% dos pesquisados afirmaram ter esse comportamento com maior constância; já 73,4% responderam ter raras vezes ou nunca. Esses comportamentos são observados aqui como uma forma de usar a própria estratégia do sistema de produção como ferramenta para alcançar seus objetivos. É um movimento contra a escalabilidade da exatidão, a favor do nosso próprio tempo.

A busca de conhecimentos é outra característica empreendedora relevante e, acerca desta, Dolabela (2006) salienta que o empreendedor está sempre em busca dos conhecimentos para realizar seus sonhos. Nesse sentido, 33,3% dos estudantes pesquisados apresentaram esse comportamento nunca ou raras vezes, enquanto, 66,7% responderam ter essa atitude com frequência. Nos estudos sobre o perfil empreendedor, é perceptível o quanto esse comportamento é importante, visto que está associado à curiosidade, colocada por Freire (1996) como uma impulsionadora do ato de criar, descobrir, indagar, aprender, a instigadora do movimento humano.

Assim, pode-se dizer que a busca de conhecimentos e a curiosidade são impulsionadoras do movimento de sonhar. Quando elas não estão presentes a capacidade de sonhar parece ficar adormecida. “*Professora, eu não tenho sonhos!*”, era a frase que uma estudante esbravejava, inquieta no meio da sala. No dia da aplicação do questionário a turma foi orientada a responder de forma individual e foi dada privacidade para que eles ficassem à vontade. Logo em seguida, uma aluna, adolescente de 13 (treze) anos, muito participativa e que tirava nota máxima em todas as atividades, reclama sobre a pergunta e fica triste ao constatar que não possuía sonhos. Naquele momento, a intervenção foi realizada pontuando sobre não ser tão importante ter respostas para tudo, contudo, esclarecendo a importância do pensar em coisas que façam que tragam sentimentos de bem-estar e que este possa ser compartilhado com outras pessoas.

Depois de uma escuta atenta, a adolescente parecia viajar por dimensões imaginárias fazendo expressões de alegria, questionamento e satisfação. Logo, foi possível notar que o questionário continuou em branco, contudo, em seguida ela relatava para turma seu desejo em ajudar os agricultores que queriam produzir a descobrir novas formas de usar a terra sem uso de venenos. Os olhos dela brilhavam com a ideia e inquieta ela pensava em formas que a turma também pudesse contribuir com isso.

Dolabela (200) destaca que um empreendedor não é apenas alguém que possui sonhos, mas aquele que sonha e age para transformar seus sonhos em realidade. E quando o indivíduo não possui sonhos, o que fazer? Na sociedade da informação as pessoas se perdem em meio a propagação intensa de informações e a indução ao consumo desenfreado. A aceleração da necessidade de consumo é propagada e instaurada como uma regra global. Mesmo em um lugar onde ainda prevalece uma ordem local com valores como a cooperação e a solidariedade a boa vizinhança, esses estão em constante confronto com uma razão global (SANTOS, 2017).

Os adolescentes com recorrência possuíam sonhos associados a bens de consumo. Na pesquisa, obter ou trocar os aparelhos de celulares estavam entre as respostas mais frequentes

para a questão 7 (sete) que perguntou sobre os sonhos e objetivos futuros. Esse consumo induzido pela obsolescência programada e perceptiva faz com que a compra e posse de bens seja associada como o caminho para a felicidade. Talvez isso possa levar muitos adolescentes e jovens a limitarem sua experiência ao consumo e viver uma vida programada apenas para trabalhar e consumir.

Utilizando da observação participante qual, de acordo Valladares (2007, p. 154), “supõe a interação pesquisador/pesquisado.” Nas conversas com os estudantes, era possível notar que as pretensões para o futuro apareciam sempre relacionadas a “fazer uma faculdade”, “ter uma profissão”, “possuir casa e carro”, “proporcionar melhores condições de vida para os pais” e “ter uma família feliz”. Parece uma descrição comum, mas a ordem dos fatores aqui altera o produto, visto que, uma gravidez na adolescência, por exemplo, dificulta a permanência na escola e a dedicação aos estudos. Outra questão, está relacionada às alunas adolescentes e o envolvimento em relacionamentos tóxicos nos quais, geralmente, o “companheiro” torna-se um “dono” que as exploram sexualmente e domesticamente e não permitem que elas façam suas escolhas.

Sempre no final de alguma aula elas se agrupavam para conversar, utilizando da técnica investigativa da observação participante, tornava-se possível partilhar desses momentos. Em um desses diálogos o assunto era a festa de confraternização da escola, estavam todas confirmando a presença. Uma das estudantes respondeu que não iria, todas queriam saber o motivo. Logo, uma colega se adianta respondendo: “*o namorado dela não deixa!*”. Poucos minutos antes, estávamos falando sobre sonhos e a adolescente de apenas quinze anos relatou seu plano de casar, ter filhos e ser professora de dança. A estudante não foi à festa que ocorreu em um espaço fechado, com a presença de toda a escola às quinze horas da tarde, pois não poderia estar acompanhada do namorado. Possivelmente, ela consiga com essa ordem de fatores concluir os estudos e tornar-se professora de dança, mas não foi esse o caminho real de várias adolescentes que passaram pela mesma escola.

As condições às quais estão expostas as adolescentes, das pequenas cidades do Semiárido, é permeada por tabus: não se pode falar sobre menstruação, métodos contraceptivos, orgasmo. As adolescentes são ensinadas a fazer atividades domésticas, sentar direito, andar de maneira delicada e “se dar ao respeito”. Enquanto isso, os adolescentes precisam ser fortes, valentes e “garanhões”. Essas definições patriarcais também determinam a não aceitação da diversidade de gênero e da orientação sexual de cada um. Com isso, o potencial empreendedor também parece ir adormecendo. Como um perfil empreendedor de

planejamento, perseverança, liderança, criatividade podem permear esse contexto? Vejamos no próximo relato que os meninos também, nem sempre podem escolher.

Ele chegava sempre atrasado na aula: - *“professora, posso entrar?”* era uma frase difícil de ser respondida, logo ele já estava dentro da sala de aula, sentado em uma carteira recostada na parede do lado direito. Enquanto os outros colegas revezavam lugares o seu era sempre o mesmo, talvez o local fosse estratégico, mais adequado para dormir na aula e não ser notado. Por mais que as aulas tivessem vários estímulos, ele era vencido pelo cansaço e começava a se apoiar no braço da carteira escolar. Certo dia, em uma conversa sobre organização dos estudos e sonhos, o assunto do cansaço ganha espaço. Ele logo retrucou: - *“quieta professora, hoje descarreguei dois caminhões de areia, estou cansado! Depois faço a atividade e estudo pelo caderno dos meus colegas. Ganho muito bem para descarregar o caminhão, um só é pouco, mas quando descarrego vários na semana, ganho muito dinheiro. Vou sair da escola, só quero terminar o ensino fundamental, vou fazer 18(dezoito) esse ano e no próximo talvez eu estude à noite”*.

Os adolescentes e jovens, por sua vez, se veem obrigados a começar a trabalhar informalmente em comércios, como ajudantes de obra ou mesmo de bóias-frias. Conciliar o trabalho com a escola vai se tornando difícil com o passar do tempo. O esgotamento das energias físicas do corpo não permite que o raciocínio aconteça com a mesma rapidez. Com muita persistência eles conseguem concluir o ensino fundamental já na idade adulta, o que os possibilita entrar em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, noturna. Quando concluem a Educação Básica se deparam com o desemprego ou a ausência de melhorias nas condições de trabalho nos empregos que já possuíam.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com a educação “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996, p). A citação da Lei demonstra ainda que o caráter de reposição de estudos originado do supletivo do período militar ainda permanece. Nessa perspectiva, Di Pierro (2005, p.1118) chama atenção:

Ao dirigir o olhar para a falta de experiência e conhecimento escolar dos jovens e adultos, a concepção compensatória nutre visões preconceituosas que subestimam os alunos, dificulta que os professores valorizem a cultura popular e reconheçam os conhecimentos adquiridos pelos educandos no convívio social e no trabalho.

Dessa forma, compreende-se que o estudante trabalhador enxerga na EJA a oportunidade de concluir a Educação Básica, porém a organização curricular como apontado por Di Pierro dificulta a prática de uma educação que valorize os conhecimentos prévios e

também as características empreendedoras. Contudo, as características empreendedoras podem ser identificadas em vários momentos das vivências dos estudantes. A perseverança parece ser a mais presente, nas experiências desses sujeitos. Encarar as adversidades do dia a dia com poucas condições econômicas para sustentar suas famílias e ter otimismo para sonhar com um futuro melhor não poderiam ser consideradas características de um empreendedor ou empreendedora?

A visão de empreendedor que habita o imaginário dos estudantes parece estar mais associada à origem do empreendedorismo. É possível perceber isso na fala de uma estudante que diz: *“Acho que o empreendedor é alguém que tem inteligência, criatividade, que vê algo, um objeto, e investe seu dinheiro naquilo, investe, melhora e lucra com isso. Acho que não sou uma empreendedora, até gostaria, mas no momento acho bem difícil conseguir, pois não sou muito criativa, hoje em dia precisam de coisas inovadoras, tem que ter muito planejamento”*.

Ao questionar o que seria um empreendedor ou empreendedora para os estudantes, de forma geral, foram encontradas definições como: *“aquele que busca ganhar lucro”*, *“uma pessoa criativa e inteligente”*, *“alguém que pega uma ideia para ganhar dinheiro”*, *“aquele que vê as coisas de um jeito diferente”*. No entanto, partindo da abordagem do comportamento empreendedor adotada nesta pesquisa, qual se revela ser àquele ou àquela que apresenta algum comportamento empreendedor; é possível notar a presença de características empreendedoras nas experiências dos estudantes.

De forma geral, a comparação dos dados expostos no gráfico e as observações das vivências dos estudantes mostram que as características empreendedoras estão presentes com maior intensidade em um pequeno grupo. Já em relação à maior ausência, estas são dos comportamentos planejador e proativo. Esse resultado possibilita incidir sobre as influências de questões que aparecem nas observações das vivências dos estudantes como: referência, falta de perspectiva de futuro, poder de escolha e o quanto o perfil empreendedor é influenciado pelo contexto em que os estudantes vivem.

Pode-se relacionar também a ausência do planejamento, e a presença de algumas características empreendedoras em maior intensidade em alguns estudantes com a estrutura familiar. Os estudantes que possuíam origem em famílias com melhor estrutura (condições financeiras, emocionais, planejamento) pareciam ser mais organizados quanto aos estudos, o material escolar, o compromisso com as aulas.

## Reflexões finais

Buscou-se neste estudo, investigar a presença de perfil empreendedor nos jovens e adolescentes da EMCA em Botuporã, Semiárido baiano, por meio da aplicação de questionário e observação participante. A comparação dos dados obtidos demonstra que as características empreendedoras permeiam a vida desses sujeitos, já as observações revelaram que elas parecem também servir ao enfrentamento da vida escolar e às adversidades além desse ambiente, embora apareçam com pouca intensidade na maior parte dos estudantes, sendo recorrente em apenas um pequeno percentual dos pesquisados.

Com a observação participante foi possível ainda ampliar a interpretação dos dados quantitativos e conhecer os sonhos, anseios e interesses que permeiam a vida desses jovens. Na interpretação das experiências dos estudantes identificou-se que a característica empreendedora ‘perseverança’ faz parte da vivência dos jovens e adolescentes pesquisados, sendo um elemento associado à busca dos sonhos e de melhores condições de vida.

Outro ponto que ficou evidente, refere-se ao contexto em que vivem esses sujeitos e os enfrentamentos que passam desde a infância. Para muitos, o sonho diz respeito a “unir os pais divorciados”, “comprar uma casa para a mãe”, “ter todo dinheiro para comer o que quiser”, “fazer uma faculdade”, “ter um bom emprego”, “ganhar bem” e outros dizem com palavras e expressões não possuir sonhos.

Por todo exposto, entende-se que o contexto de vivências externas a escola também exerce influência no despertar das características empreendedoras, pois ficou perceptível que aquelas e aquelas que os pais possuem melhor estrutura financeira e acompanhamento dos estudos, tendem a apresentar o comportamento mais próximo de um perfil empreendedor.

Dessa forma, entende-se que os jovens e adolescentes pesquisados, a partir do quadro de características investigado possuem perfil empreendedor. Mesmo que a interpretação de empreendedor que perpetua seus imaginários entenda esse apenas como alguém que trabalha com vendas ou possui um negócio.

Portanto, é possível inferir a importância de uma proposta de ensino que possa proporcionar a tentativa de suprir a falta de características empreendedoras dos alunos da Educação Básica. Podendo tornar possível também responder a questionamentos sobre a possibilidade de ensino e aprendizagem do comportamento empreendedor e suas potencialidades para o fortalecimento dos jovens e adolescentes da EMCA no município de Botuporã no Semiárido baiano.

## **CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: CURRÍCULO E ENSINO NO SEMIÁRIDO BAIANO**

**Resumo:** A Educação Empreendedora está sendo cada vez mais direcionada para o ensino na Educação Básica, se destacando inclusive como tema presente no currículo de várias escolas brasileiras. Porém, embora esta seja uma realidade verificada, muitas vezes a disciplina não se encontra explícita nesses documentos. Assim, buscou-se neste texto investigar a presença da Educação Empreendedora no currículo da Escola Municipal Castro Alves, localizada no município de Botuporã, Semiárido baiano; bem como incidir sobre sua importância para a vida dos jovens e adolescentes dessa região. Para tanto, foram analisados o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, os planos de curso dos professores do 8º ano/série e as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Inferiu-se que a Educação Empreendedora pode ser encontrada no currículo da escola, porém em pequena quantidade e de forma implícita. Outro ponto que ficou evidente, foi que a Educação Empreendedora, também demonstra ser importante para a formação pessoal dos estudantes, visto que podem servir como ferramenta para enfrentar as problemáticas do seu cotidiano.

### **2.1 Educação Empreendedora para quê?**

O ano de 2020, no qual enfrentamos a pandemia da COVID-19, tem exigido a necessidade de se repensar a forma como as relações são estabelecidas nos mais diferentes aspectos, despertando assim a necessidade de reinvenção; fator que, dentro do contexto da inovação, potencializa o tema Educação Empreendedora. Perseverança, autoconfiança, proatividade, planejamento, busca de conhecimentos e liderança, são saberes empreendedores que podem servir como ferramentas importantes não só para quem deseja abrir um negócio, como para contribuir com a reinvenção de novas formas de existência.

A catástrofe instaurada pela pandemia permite recordar um período de tensão em que a vida também esteve ameaçada. Trata-se do mundo bipolar da guerra fria, contexto em que David McCheland inicia seus estudos sobre os comportamentos que levavam algumas nações a serem mais sucedidas em alguns aspectos. A disputa entre o homem soviético e o homem americano, era uma das questões que alimentava seus estudos. Um dos pontos observados pelo autor era como as histórias ou contos exerciam influência na formação de uma nação. Ele mostrava que alguns comportamentos ou características transmitidas entre as gerações, por

meio da literatura, exerciam um papel importante no êxito dos empreendimentos (CHIAVENATO, 2007).

Estes estudos permitem incidir sobre como as características empreendedoras são desenvolvidas. Sua presença parece estar mais relacionada às experiências que uma pessoa ou grupo possui ao longo da vida e também condicionada pelos diversos aspectos que permeiam o contexto em que as pessoas habitam. Tal fato permite pensar sobre as implicações da presença de Educação Empreendedora no currículo escolar, já que a escola é o local onde passamos boa parte da vida e ela exerce um papel importante na formação pessoal.

Nesse sentido, o presente texto propõe investigar a presença da Educação Empreendedora no currículo da Escola Municipal Castro Alves (EMCA), bem como, a importância dessa para a vida dos jovens e adolescentes do 8º ano, estudantes desse espaço escolar. Para isso, foram feitas leituras do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, assim como, dos planos de curso dos professores correspondentes ao 8º ano/série e das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na busca por termos, métodos ou técnicas que indicassem a presença da Educação Empreendedora na escola.

Pensar a inserção desse tema na escola desperta reflexões, principalmente num mundo de fábulas como o descrito pelo geógrafo baiano Milton Santos, o qual ressalta que os donos do dinheiro se aproveitam do progresso das ciências e das técnicas para contar uma única narrativa. Ela está a serviço do dinheiro, apenas dele. Assim, as vidas humanas e não humanas são também tratadas pelo mesmo valor (SANTOS, 2017). Aspectos comuns às pessoas empreendedoras como planejamento, perseverança, liderança, autoconfiança importantes para a formação pessoal, são utilizadas por esses mesmos donos para instaurar a produtividade e a competitividade como caminho para todos. Tudo em nome de um progresso. A fábula do progresso esconde suas intenções. Para que progresso? Para quem?

Partindo dessas colocações, indaga-se: será que Educação Empreendedora não poderia então ser utilizada verdadeiramente em favor de um progresso para os jovens e adolescentes do Semiárido baiano? Incidir sobre a presença da Educação Empreendedora no currículo da escola é apenas uma parte de um trajeto mais longo de uma pesquisa de mestrado que busca entender como ela pode ser fonte de fortalecimento para esses jovens.

O *locus* desta pesquisa é o município de Botuporã-BA, cidade que compõe a região semiárida baiana e possui predominância da zona rural, com atividades econômicas focadas na agricultura familiar e no setor de serviços. Também, com um dos menores índices de pessoas ocupadas, apenas 439 dos 11.154 habitantes, um dos menores índices entre os 417 municípios baianos (IBGE, 2017).

É nesse cenário que a Escola Municipal Castro Alves oferece o ensino fundamental, anos finais e atende a jovens e adolescentes de município, tendo que enfrentar, além das problemáticas comuns ao ambiente escolar, os desafios de encontrar formas que auxiliem a dirimir questões comuns a várias escolas públicas inseridas nessa região como: evasão escolar, a falta de perspectiva de futuro dos jovens e com isso o desinteresse pelos estudos, o trabalho na adolescência, e a migração. Todas essas problemáticas permeiam seu currículo e a Educação Empreendedora talvez possa ser uma das ferramentas para enfrentar essa realidade.

Para Sacristán (2013), o currículo é entendido como o conteúdo estudado na aula, mas não apenas isso, ele possui implicações e envolve diferentes dimensões. Define e modela o trabalho dos professores limitando o que deve ser ensinado. Moreira (2008) corrobora com este pensamento ao definir o currículo como conteúdo, pontuando algumas dimensões envolvidas nesse conceito dos quais se destacam as experiências de ensino-aprendizagem no ambiente da escola vividas pelos alunos e alunas, os planos e outros documentos que definem a grade escolar, os objetivos, os procedimentos metodológicos e a avaliação do processo de ensino.

Com isso, para identificar a presença de Educação Empreendedora no currículo é preciso conhecer além da grade curricular da escola, voltando o olhar para as experiências vividas no cotidiano escolar. Nesse objetivo, buscou-se conhecer o Projeto Político Pedagógico (PPP) e os planos de curso do 8º ano/série dos professores da EMCA, assim como, as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O que esses documentos dizem sobre Educação Empreendedora? Existe Educação Empreendedora na EMCA? A escola utiliza algum método ou técnica de ensino de Educação Empreendedora? E nas experiências do cotidiano da escola existe Educação Empreendedora? Essas são as inquietações que norteiam o desenvolvimento deste texto.

## **2.2 Educação Empreendedora no currículo escolar**

A Educação Empreendedora está sendo cada vez mais mobilizada para o ensino na educação básica. Há várias escolas pelo Brasil que possuem Educação Empreendedora implantada no currículo da Educação Básica desde os anos iniciais, como: Porteirinha no Norte de Minas Gerais e as escolas da rede municipal de São José, São Paulo (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

Existe um movimento do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), junto à União das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) para levar a Educação Empreendedora a todos estudantes do ensino fundamental no Brasil, objetivando inserir na BNCC conteúdos relacionados a Educação Empreendedora e assim promover a criatividade, a crítica e a comunicação<sup>4</sup>. É importante, nessa perspectiva, questionar também os possíveis interesses dessas organizações no fomento da Educação Empreendedora no Brasil. Bem como, o processo de inserção de competências e habilidades nos currículos (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

Para Perrenoud (1999) *apud* Dias (2010, p.74), “uma competência traduz-se na capacidade de agir eficazmente perante um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles”. No contexto educacional onde os currículos são cada vez mais permeados por competências e habilidades é preciso problematizar quais competências estão sendo pensadas para nossos currículos? Quem são os sujeitos que estão pensando e definindo essas competências?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aprovada no ano de 2017, orienta a uniformização do currículo no país, e define em seu texto inicial, competências gerais almejadas para os estudantes ao final do ciclo de ensino básico. Em uma leitura desse documento, já é possível identificar nas competências gerais a validação da necessidade de se trabalhar características empreendedoras na Educação Básica. Mesmo que esse tema ainda esteja caminhando para ser inserido nesse documento. Na leitura do quadro 3, é possível notar essa afirmação.

**Quadro 3:** Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação básica que indicam o incentivo das características empreendedoras

<p>2. Exercitar a <b>curiosidade intelectual</b> e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a <b>imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções</b> (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p>
<p>7. <b>Argumentar</b> com base em fatos, dados e informações confiáveis, para <b>formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns</b> que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao <b>cuidado de si mesmo, dos outros</b> e do planeta.</p>
<p>9. <b>Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação</b>, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com</p>

<sup>4</sup> Notícia do site “O Estado” Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2020/09/20/sebrae-unesco-se-unem-para-levar-educacao-empresendedor-a-escolas/>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

**10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação**, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

**Fonte:** Elaborada pela autora a partir da BNCC, (2017, p. 9), *grifos nossos*.

Na competência 2 da BNCC, é possível verificar a proposição do comportamento empreendedor de busca de conhecimentos e proatividade, ao fazer-se referência a curiosidade, intelectual, criatividade e resolução de problemas. A técnica de ensino baseada na resolução de situação problema usada na Educação Empreendedora, por exemplo, permite o trabalho dessas competências. Nela, a pesquisa, investigação, experimentação e formulação de hipóteses fazem parte da busca de informações para resolver um problema.

Na competência 7, a persuasão pode ser identificada ao dispor sobre a capacidade de argumentar, defender ideias e opiniões. Característica presente no comportamento de liderança. Essa competência ainda mostra intenções de que os estudantes possam aprender a trocar e defender ideias com respeito ao outro e pensando no bem-estar coletivo. No mesmo sentido, as competências 9 e 10 apontam outras importantes aptidões em um comportamento de liderança, ter empatia, capacidade de dialogar, lidar com situações de conflito, valorizar a potencialidade de cada um, agir coletivamente, ser responsável, ético e ter o respeito como valor presente em todas as relações.

Retomando à competência 7, compete enfatizar a existência da necessidade de cuidar de si e dos outros. O que é semelhante aos aspectos que envolvem a liderança e a autoconfiança na Educação Empreendedora. Essa competência do autocuidado e do cuidado como outro exige que esses estejam permeados no ambiente escolar para que sejam propagados e aprendidos. Freire (1997) possibilita uma reflexão sobre isso, ao falar do ensino com responsabilidade e ética, destacando nesse contexto, a necessidade de não desconsiderar o olhar de cuidado e amor com as questões dos educandos.

Na leitura do PPP da Escola Municipal Castro Alves, é possível notar a preocupação da instituição em atender as demandas do meio em que está inserida e pensar uma proposta de médio e longo prazo. Da mesma maneira, desenvolver uma educação preocupada com a formação integral e com a autonomia dos estudantes:

A Escola Municipal Castro Alves está preocupada em educar partindo dos princípios: prática X teoria X prática, em busca de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária, **vivenciando valores e conhecimentos socialmente úteis, buscando agente do processo de existir**. Destacando também a democracia no universo

escolar, fazendo-o um ambiente muito mais prazeroso, atrativo e plural. **Preocupa ainda, com a formação integral do ser humano**, para que possa enfrentar os desafios emocionais e profissionais que encontram ao longo da vida. (PPP, 2015, 38) (*grifos nossos*).

A junção “prática X teoria X prática” indica a necessidade de trazer para a escola os conhecimentos dos estudantes para que possam ser vistos não como receptores de conteúdo, mas como alguém que carrega vivências, saberes, dores e incertezas, elementos que fortalecem a autoconfiança. Essas preocupações demonstradas pela escola também se assemelham aos aspectos relacionados à Educação Empreendedora.

No PPP da escola ainda é possível conhecer as problemáticas relacionadas ao contexto da região em que ela está inserida. Isso permite incidir sobre como a Educação Empreendedora poderia ajudar nesses enfrentamentos.

Os alunos são oriundos de famílias com atividades econômicas que giram em torno da agricultura, pecuária e uma pequena parte, vive do comércio local. Muitas famílias ainda sobrevivem com deslocamento dos pais para capitais e grandes centros, o que contribui para o não acompanhamento escolar e dificultando o trabalho da escola. Devido às dificuldades econômicas, muitos desses alunos, informalmente, trabalham no turno oposto. Temos também um número considerável de alunos que moram com avós e/ou outros parentes (PPP, 2015, p.6).

Pela descrição, evidencia-se que a migração e as condições econômicas parecem afetar a vida dos jovens e adolescentes da EMCA em diversos aspectos. Primeiro, pela migração dos pais, que muitas vezes exigem que esses jovens e adolescentes fiquem com seus parentes, o que impacta no acompanhamento da vida escolar desses estudantes. Essa situação pode envolver também outros elementos influenciadores de sua formação pessoal. A migração parece ainda habitar o imaginário dos estudantes como algumas das poucas alternativas de futuro para conseguir melhores condições de vida. Para esses estudantes os conteúdos escolares aparentam pouco contribuir para suas vidas.

Em outros pontos do PPP são descritos precisamente as características da comunidade, a estrutura da escola e composição do quadro de pessoal, bem como as estratégias para resolução dos problemas estruturais e pedagógicos apontados no PPP, porém permanece o silenciamento sobre a Educação Empreendedora ou outros aspectos que possam ser relacionados com esse tema.

Nas leituras e análises do currículo escolar, a busca da Educação Empreendedora foi feita a partir de algumas palavras selecionadas com base nas características empreendedoras citadas por Dolabela (2006) McClelland (1967), Filion (1998), Chiavenato (2007) e Rocha & Freitas (2014), que indicam relação com o tema. São elas: empreendedor, empreendedorismo,

inovação, criatividade, curiosidade, persuasão, proatividade, resolver problemas, planejar, riscos, persuadir, comunicar e dialogar. Dessa forma, percebeu-se como a Educação Empreendedora permeia o contexto da EMCA.

Com a leitura dos planos de curso dos professores notou-se que eles possuem conteúdos, competências e habilidades alinhados com as competências gerais da BNCC. O currículo do 8º ano/série contempla as disciplinas de: Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Arte, Educação Física, Inglês e Geometria, sendo esta última uma disciplina diversificada do currículo municipal.

Na disciplina de Geografia, é identificável no Plano de curso de Geografia (2019, p.14), habilidades que indicam características empreendedoras: *“Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas”*. Essas são habilidades que mostram a necessidade da característica empreendedora proatividade. A pessoa proativa busca conhecimentos, seja geográfico ou outros para entender uma situação, exercitando a curiosidade e a investigação propondo-se a encontrar soluções para os problemas.

Na disciplina de matemática e geometria também foram encontradas referências a proatividade nas habilidades de:

**Resolver situações problemas** envolvendo equações”. E “Reconhecer a importância do saber matemático no contexto histórico e social e suas **aplicabilidades na resolução de problemas** [...] **Resolver e elaborar problemas** que envolvam o cálculo do volume de recipiente cujo formato é o de um bloco retangular (Plano de Curso matemática e geometria, 2019, p. 10), (grifos nossos).

O uso de situações problemas é comum na Educação Empreendedora. Ela está associada à proatividade, momento em que os estudantes buscam conhecimentos para resolver problemas que afetam seu cotidiano ou problemas fictícios. Na leitura do plano de curso de matemática foram encontradas o termo “resolver problemas” doze vezes entre as habilidades. Isso demonstra que a proatividade é importante para o ensino-aprendizagem dessa disciplina, tanto quanto pode ser para o ensino de outros assuntos. Resolver problemas é citada por Rocha & Freitas (2014) como um tipo de atividade que pode ser utilizada para trabalhar a Educação Empreendedora.

Por meio da leitura das habilidades e competências presentes no currículo da escola pode se entender que existe um objetivo de aliar teoria e prática. Algo falado no PPP da escola e reafirmado nos planos de curso dos professores. A Educação Empreendedora pode servir como aliada nesse desafio. Especialmente quando trabalhada a partir da realidade do

espaço onde os estudantes estão inseridos, observando que, uma atividade como uma situação problema precisa ser elaborada a partir dessa realidade. O que permitirá mobilizar os conhecimentos escolares para resolver uma situação e enxergar a aplicação e importância desses saberes para o dia a dia.

As competências e habilidades de língua portuguesa e arte também indicam a presença de características empreendedoras:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se **comunicar** por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, **resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos** [...]exercitar **a criatividade, a imaginação** e a expressividade[...] Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao **diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação** (Plano de Curso, 2019, p. 3).

Algumas habilidades elencadas por essas disciplinas podem ser relacionadas ao empreendedor. Por exemplo, comunicar; resolver problemas; desenvolver projetos, seja relacionado aos sonhos ou as necessidades de uma comunidade, usar a criatividade; desenvolver a imaginação; dialogar e resolver conflitos de forma cooperativa, são alguns comportamentos comuns ao empreendedor, e, possuem conexão com a liderança, a proatividade e a busca de conhecimentos apontadas por Fillion (1999) como importantes características empreendedoras.

A fim de conhecer a presença da Educação Empreendedora no currículo, realizou-se ainda uma busca nas metodologias apresentadas nos planos de curso do 8º ano/série para identificar técnicas de ensino relacionadas ao ensino da Educação Empreendedora como: jogos, situações problemas, seminários e modelo de negócio.

Desse modo, o quadro 4 foi constituído apresentando alguns métodos e técnicas comuns ao ensino da Educação Empreendedora, com base nas referências de Silva e Pena (2017) e Rocha & Freitas (2014). Apesar de entender, a partir do estudo bibliográfico sobre o tema que alguns métodos e técnicas, como jogos de empresas e simulações empresariais parecem ser mais presentes na educação superior.

Nele é possível evidenciar que a EMCA possui em sua metodologia técnicas e métodos comuns a Educação Empreendedora como: aulas expositivas, seminários e palestras, jogos e situação problema. Enquanto, incubadoras de empresas, competição de plano de negócio ou modelo de negócio, jogos empresariais, visita e contato com empresas estão ausentes nas metodologias indicadas nos planos de curso do 8º ano/ série e no PPP.

**Quadro 4** - Métodos e técnicas de educação empreendedora presentes e ausentes no currículo da Escola Municipal Castro Alves

MÉTODOS E TÉCNICAS	DESCRIÇÃO	PRESENTE	AUSENTE
Aula expositiva	Exposição de um assunto pelo professor com diálogo com os estudantes	X	
Casos para ensino, estudo de casos ou situação problema	Situação com problema que os estudantes tenham que resolver	X	
Seminários e palestras com empreendedores	Apresentação oral de um tema pelo estudante ou de um convidado empreendedor que possa ser inspiração	X	
Incubadoras de empresas	Espaço de estímulo para criação de uma empresa.		X
Competição de Plano de negócios ou modelo de negócio	Atividade de planejamento de negócios. Usada para desenvolver capacidade de observação, percepção e aplicação de melhorias de negócios ou ideias.		X
Jogos empresariais ou simulações	Simular situações reais de decisão e criação de empresas		X
Visita e contato com empresas	Aulas em empresas para conhecer o funcionamento e buscar inspiração		X
Trabalhos em grupo	Atividade desenvolvida em equipe	X	
Jogos (xadrez, tabuleiro, desafios diversos).	Atividade em que os participantes são desafiados a alcançar um objetivo seguindo regras	X	

**Fonte:** Adaptado de Rocha & Freitas (2014); Silva & Pena (2017).

Sobre os métodos e técnicas de Educação Empreendedora presentes no currículo da EMCA as aulas expositivas aparecem com recorrência nos planos de curso, sendo adicionado o termo “aulas expositivas e dialógicas” sendo um modelo em que o professor expõe um conteúdo e estabelece um diálogo com os estudantes. Os seminários também ocorrem com constância, nesse modelo os professores organizam grupos e indica temas para que sejam estudados e apresentados pelos estudantes. Os jogos aparecem constantemente nas disciplinas de Educação Física e Matemática, o termo “jogos” geralmente vem associado ao conteúdo trabalhado na unidade, mas sem detalhamento do tipo de jogo que será utilizado.

Nas observações do contexto escolar foi possível identificar que as palestras com empreendedores faziam parte do currículo da escola, entretanto, não estavam explícitas nos documentos curriculares. A atividade era parte de um projeto intitulado “Nenhum a Menos” que tinha objetivo de valorizar todos os estudantes pelas habilidades distintas que possuíam. E

consistia em convidar uma pessoa que pudesse ser inspiração para tomar um café com os estudantes do 9º ano/série.

Essa é uma atividade que pode contribuir para o desenvolvimento ou o despertar de características empreendedoras, visto que, os estudantes podem aprender ou se inspirar pelo exemplo da história de vida dos empreendedores. De acordo Dolabela (2006), o empreendedor enxerga em todas as pessoas uma fonte de aprendizado.

## **2.2 Características empreendedoras para quê?**

Ele era querido e admirado por todos seus colegas, o estudante mais velho da turma de 8º ano/série e exercia também o papel de inspiração e liderança. Os colegas homens queriam fazer parte do seu grupo em todos os trabalhos, andar juntos pelos corredores da escola e sempre solicitava sua opinião. Ele sempre era calmo e atendia a todos com atenção e respeito e seu empenho para responder todas as atividades e participar da aula era constante. Às vezes parecia cansado. Quando o tema chamava sua atenção ele era o primeiro a participar. No mesmo período da pesquisa, nas aulas de Geografia, também estava acontecendo um projeto voltado para alimentação e culinária regional. Observando um momento na cozinha da escola, em que a turma dele produzia uma receita de um doce regional, era possível notar seu envolvimento e motivação para desenvolver a atividade. Na horta da escola, onde ele também ficava cuidando das plantas, mantinha o mesmo comportamento de envolvimento e dedicação. Sua origem, de família de agricultores, com poucas condições econômicas, tinha na roça o seu sustento. Entretanto, em sua fala o desejo era de migrar para os grandes centros para *“conseguir um trabalho que não seja na roça”*. Ao se referir ao trabalho no campo (roça) relatava dificuldades e sofrimentos. A pouca chuva, o trabalho braçal pesado, a falta de recursos para investir na lavoura são coisas que o desanimam. Concluir os estudos era um de seus objetivos para conseguir *“um bom trabalho”*.

As experiências dos jovens e adolescentes participantes da pesquisa parecem ser permeadas pela perseverança em não desistir diante das dificuldades. Essa perseverança pode ser notada pelas constantes buscas por melhores condições de vida, motivos que os levam a sonhar e permanecem na escola mesmo depois de dois ou três anos seguidos de reprovação, mesmo já tendo idade que não os obriga a permanecer. Muitos sonham com melhores condições de vida para a família. Esse sonho não é o sonho no sentido de dormir e sonhar, mas um sonho como o mobilizado por Krenak (2019), como aquele no qual seguimos fielmente buscando orientações para nossas escolhas cotidianas.

Insistir e persistir são sinônimos de perseverança que Dolabela (2006) atribui a alguém que gosta muito do que faz. Nesse sentido, pode-se dizer também que a perseverança está relacionada com sobreviver, e é potencializada quando envolve uma necessidade coletiva ou um sonho de mães, pais, filhos e filhas que buscam na migração conseguir melhores condições de vida para sua família. Também está presente no sonho coletivo com origem nas necessidades de uma comunidade.

A Educação Empreendedora no currículo pode servir a vários objetivos (Rocha; Freitas, 2014), entre eles, despertar o espírito empreendedor. Sua presença na Educação Básica e na universidade, pode despertar posicionamentos contraditórios quanto ao seu ensino. Entretanto, é preciso, neste estudo, ver a Educação Empreendedora como uma ferramenta, e, refletir quais possibilidades ela pode oferecer dentro do contexto histórico e econômico de um coletivo no Semiárido baiano.

As finalidades da educação indicam a necessidade de desenvolvimento pleno do estudante. Bem como, seu preparo para o trabalho e o exercício da cidadania (BRASIL, 1996). No entanto, muitos jovens concluem a Educação Básica e o ensino superior sem desenvolver de forma concisa nenhuma dessas competências, problema que pode encontrar diversas explicações. Porém, ocupou-se em refletir sobre como a presença da Educação Empreendedora na escola pode, de alguma forma, contribuir para a formação pessoal.

Nessa vertente, a Educação Empreendedora neste trabalho é pensada como fomentadora de ações criativas que estão relacionadas à maneira como as pessoas se comportam e reagem no enfrentamento de situações difíceis; ao quanto elas planejam para realizar suas necessidades e alcançar o que desejam. Uma pessoa que não apenas critica a situação, mas propõe soluções e diálogo coletivo, para que possa encontrar uma forma de contornar o problema. Assim, a partir das reflexões de Stengers (2015), compreende-se que esta forma implicaria no uso da Educação Empreendedora para explorar novas conexões que vão além da competição e do crescimento econômico.

## **Reflexões finais**

Neste estudo, buscou-se investigar a presença da Educação Empreendedora no currículo da Escola Municipal Castro Alves (EMCA), bem como identificar a importância desta para a vida dos jovens e adolescentes estudantes da EMCA. Para tanto, foram analisados documentos referentes ao currículo da escola. Nessa análise, identificou-se que a escola não possui Educação Empreendedora em seu currículo de forma explícita. Entretanto, em seu PPP

e nos planos de curso foram encontradas habilidades e competências que possuem semelhança com a Educação Empreendedora.

Nos documentos analisados são utilizados termos que não se referem a Educação Empreendedora, porém, são semelhantes aos aspectos que envolvem o tema. A habilidade de investigar, expressa no currículo, por exemplo, tem relação com a característica empreendedora 'busca de conhecimentos'; a 'proatividade'. Foi identificada na menção a resolução de problemas e a 'liderança', as quais também são validadas quando os documentos apontam a necessidade de aprender a utilizar diferentes linguagens para dialogar, cooperar e resolver conflitos.

Foi possível perceber ainda que a Escola Municipal Castro Alves (EMCA) estava exposta a várias problemáticas, algumas delas comuns ao contexto da região onde está inserida, como: evasão; trabalho na adolescência; migração; falta de perspectiva de futuro e interesse dos estudantes pelos estudos. Esses fatores também podem influenciar na formação pessoal dos alunos e a perseverança parece ter função importante nesses enfrentamentos.

Constatou-se que alguns métodos e técnicas comuns ao ensino da Educação Empreendedora estão presentes no currículo da escola, com destaque para a disciplina de Matemática que utiliza o termo "resolver problemas" semelhante ao 'comportamento empreendedor' por várias vezes entre as habilidades e competências.

Dessa forma, considerando que o currículo escolar envolve dimensões compostas pelos documentos curriculares e também por todas as experiências vividas pelos estudantes no ambiente escolar, pode-se dizer que a Educação Empreendedora está presente no currículo da Escola Municipal Castro Alves (EMCA), todavia, sua presença é pequena e indireta, visto que as aptidões que se relacionam com a esta educação foram encontradas apenas em quatro das nove disciplinas de forma implícita.

A partir da pesquisa e análise do PPP da escola, planos de cursos dos professores do 8º ano/série, bem como os métodos e técnicas conduzidas, infere-se que a importância dessa proposta de ensino construída a partir da Educação Empreendedora pode ser uma forma de compreender quais as potencialidades de um currículo permeado por esse tema, assim como conhecer os impactos e a importância da Educação Empreendedora na formação pessoal dos jovens e adolescentes da EMCA, além daqueles que foram mostrados neste texto.

## **CAPÍTULO 3: EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA COMO FERRAMENTA CRIATIVA**

**Resumo:** Repensar práticas de ensino que despertem o interesse dos estudantes para as aulas facilitando o ensino-aprendizagem na Educação Básica são de grande relevância. Este capítulo (artigo) é parte da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), campus VI, e teve como objetivo apresentar o potencial de uma proposta de ensino baseada na Educação Empreendedora para despertar características a ela alinhadas que podem servir como ferramenta criativa. Para isso, utilizou-se questionários e a realização de uma oficina como procedimentos metodológicos. No desfecho do texto são descritos todos os passos realizados, destacando: os estudos; a elaboração; a aplicação e os resultados e desafios na condução dessa proposta de ensino. Por fim, foi possível inferir que essa proposta possui capacidade de despertar características empreendedoras capazes de servir como ferramenta criativa para o fortalecimento social dos jovens e adolescentes da Escola Municipal Castro Alves em Botuporã-Ba despertando interesse para as aulas.

### **3.1 Educação Empreendedora como alternativa**

A chatice e a preguiça são queixas constantes dos estudantes durante as aulas. Por outro lado, as professoras e professores reclamam da falta de interesse e compromisso dos educandos. Nesse contexto, pensar alternativas inovadoras de ensino que despertem o interesse e facilite o ensino-aprendizagem, tornou-se um desafio para os educadores que almejam uma prática transformadora. Entre os argumentos utilizados para justificar o desânimo para os estudos e o desejo de abandonar a escola havia um repertório imenso, pautado por expressões como: “Difícil acordar cedo”, “na escola tudo é uma chatice”, “tenho preguiça”, “é ruim”, “nunca tiro boas notas”, “parece que nunca conseguiria passar de ano”, “preciso trabalhar mais”, “cansa muito ir todo dia”, “sofri *bullying*”, “sentia vergonha”, “não tinha vontade de estudar”, “muito preconceito”, “por nada”. Essas justificativas podem ser interpretadas como desculpas sutis para não ir à escola, porém, ao mesmo tempo revelam um questionamento importante: por qual motivo os jovens e adolescente não querem ou não podem ir à escola?

Esses relatos de desinteresse instigaram a busca por metodologias que pudessem inovar a forma de ensinar e facilitar a aprendizagem, e, nessa aventura, a Educação

Empreendedora pode ser uma alternativa. A fim de incidir sobre essa busca objetivou-se neste texto descrever os relatos da experiência na elaboração e aplicação da oficina de Educação Empreendedora aliada à disciplina de Geografia, no ensino fundamental anos finais, bem como verificar o potencial dessa proposta de ensino em despertar características a ela alinhadas.

Este texto compõe a dissertação de mestrado originada da pesquisa sobre o potencial da Educação Empreendedora para o fortalecimento de jovens e adolescentes da EMCA na região semiárida baiana, e foi delimitada nas seguintes etapas: investigação do perfil estudantes e do currículo escolar e, em seguida aplicação de uma oficina.

A oficina aconteceu na Escola Municipal Castro Alves (EMCA), localizada no município de Botuporã-Bahia, cidade que possui aproximadamente 11.154 habitantes e a população que trabalha recebe 2,4 salários mínimos, em média. Entretanto, apenas 439 pessoas possuem ocupação formal, um dos menores índices de população ocupada dentre os 417 municípios da Bahia (IBGE, 2014). Botuporã está situada no Semiárido baiano, região que abrange 64% do território do estado e é caracterizada por baixos índices pluviométricos, irregularidade na distribuição de chuvas e temperaturas elevadas (BLAMONT, et al., 2002).

O grupo pesquisado é formado por 30 (trinta) alunos e alunas com idade entre 13 (treze) e 18 (dezoito) anos, estudantes do 8º (oitavo) ano/série do ensino fundamental anos finais e que se dispuseram voluntariamente em participar da oficina após apresentação da proposta e prévia autorização dos responsáveis. Os pesquisados estavam organizados em duas turmas, divididos proporcionalmente nos turnos matutino e vespertino, segundo a organização da escola. Em muitos momentos da escrita, esses estudantes são chamados de jovens e adolescentes, conceitos pertinentes de acordo as definições utilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>5</sup>. Ao longo do texto, serão apresentados os relatos de cada etapa, compreendendo: planejamento; aplicação das oficinas e, por fim, os resultados obtidos nessa empreitada.

### **3.2 Novas formas de pensar a Educação Empreendedora**

A pesquisa por alternativas inovadoras de ensino parte da necessidade, na sociedade contemporânea, de reinventar as formas de ensinar para que haja êxito no processo de ensino-

---

<sup>5</sup> Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 em seu artigo 2º considera adolescente aquele ou aquela entre doze e dezoito anos de idade. Já os jovens são definidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), como o grupo de idade entre quinze e vinte e nove anos.

aprendizagem. O ensino tradicional com foco apenas na transmissão de conteúdos já não é aceitável quando se objetiva formar sujeitos pensantes. Freire (2012) desperta uma reflexão sobre esse ensino, reforçando que este não pode mais estar empenhado em transferir o saber acumulado pelas gerações.

O autor ainda possibilita refletir que o ato de ensinar precisa ser envolto pela beleza do conhecimento, pela compreensão não só das palavras como elementos usados apenas para decodificar letras e números que atravessam nossas mentes sem deixar nada, pois esse advento não revela o verdadeiro sentido do aprender. Dessa forma, a Educação Empreendedora é proposta aqui diferente de seu objetivo original que, em tese, refere-se a formar empreendedores para criação de negócios, ou, incentivar o comportamento empreendedor para formação de uma sociedade empreendedora. Paradoxalmente, fez-se o uso da base de estudos de comportamentalistas como McChelland (1961), porém, objetivando mostrar a Educação Empreendedora como uma ferramenta criativa que pode ser utilizada em qualquer disciplina para facilitar a aprendizagem e proporcionar o fortalecimento de jovens e adolescentes no semiárido baiano.

No Brasil existem vários projetos que trabalham a Educação Empreendedora na Educação Básica, especialmente após a criação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), no ano de 1972, instituição que oferece programas com cursos para os discentes e módulos para o ensino fundamental, ensino médio e educação superior com o tema Educação Empreendedora. Os módulos, de forma geral, são interativos, fazem usos de linguagem diversas focadas no propósito de vida e no fortalecimento dos jovens. Há também o bloco de módulos do Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP) que são organizados para cada ano do ensino fundamental e são formulados partindo de temas como: ervas, oficina de brinquedos, locadora de produtos e empreendedorismo social. A partir dos temas são formuladas atividades que incentivem características empreendedoras<sup>6</sup>.

Outro exemplo é a pedagogia empreendedora idealizada pelo professor Fernando Dolabela. Esta consiste em uma metodologia para o ensino fundamental com a proposta de facilitar a aprendizagem empreendedora por meio do incentivo aos sonhos e sua realização. O ponto de partida são duas perguntas: qual seu sonho? E o que você vai fazer para transformá-lo em realidade? Com elas os professores conduzirão os estudantes para que possam trilhar os passos e alcançar seus sonhos. O projeto foi implementado em várias escolas. Entre 2003 e 2004 contabilizou 1.566 apenas no Paraná. No artigo “Fazendo Revolução no Brasil: a

---

<sup>6</sup> Módulos disponíveis em: <http://educacaoempreendedoraead.sebrae.com.br//App/Student/Home?vcache=215>. Acesso em 16 de nov. 2020.

introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação”, de autoria de Dolabela e Fillion, os autores apresentam a metodologia e explicam todas as etapas de seu desenvolvimento. Em um desses momentos, relatam uma experiência vivida por uma professora na aplicação dessa metodologia.

Em agosto de 2002 um teste-piloto da Pedagogia Empreendedora foi realizado na escola municipal Israel Pinheiro na favela Alto Vera Cruz. A professora, Adriana Moura, iniciou a aula fazendo duas perguntas aos alunos: “Qual é o seu sonho?” e “O que você vai fazer para transformá-lo em realidade?”. [...] “Eu quero ser traficante de drogas” respondeu um jovem de 15 anos de idade, “porque minha mãe está morrendo de fome”. O estudante queria ser o que no Brasil é conhecido como “avião” a pessoa que fornece a “mercadoria” ao cliente. Esta parecia ser a única atividade que ele poderia imaginar como forma de ganhar dinheiro para ajudar a alimentar a sua mãe e as crianças da família. Pode-se imaginar como um professor pode reagir – ele pode considerar como um ato de delinquência, ou pode oferecer ajuda para a mãe. Mas é provável que ele, então, continue explicando, por exemplo, como extrair a raiz quadrada... Entretanto, o incidente aconteceu em uma aula de empreendedorismo – a “aula de sonhos” como os alunos a apelidaram desde o início – e duas coisas aconteceram. Primeiro, como o tráfico de drogas era o sonho de um estudante, teria que ser discutido, comentado e descartado pelo professor como uma possibilidade. Segundo os colegas, em seguida “entraram” no sonho, abrindo a discussão e fazendo sugestões: se o problema era um prato de comida, deve-se pensar em outra maneira de consegui-lo. E eles encontraram uma. Decidiram criar uma empresa de produtos de limpeza. Juntos desenvolveram um logotipo, um folder e três produtos, (sabão, detergente e xampu) para os quais o professor de ciências sugeriu fórmulas. Nasceu a “Tá Limpo”. Assim, o estudante teve uma alternativa para evitar o mundo das drogas e sua mãe e seus irmãos mais novos tinham um meio de se alimentar (DOLABELA; FILION 2013, p. 158).

A descrição dos autores demonstra como a Educação Empreendedora pode ser fomentadora para pensar formas criativas de fortalecer as pessoas. É importante salientar que a solução encontrada para o problema vivido pelo estudante é de sobrevivência, o que não dispensa a responsabilidade do Estado em garantir acesso aos direitos fundamentais como educação, saúde e alimentação. Podem surgir questionamentos, como o incentivo a esse tipo de prática despertar a individualização da responsabilidade pelos problemas sociais, porém, como esperar a resolução de problemas que implicam nas necessidades imediatas dos educandos?

Com Freire e o relato do garoto em busca da sobrevivência, é possível refletir sobre o poder do sonho para transformação do mundo. Contudo, o sonho é influenciado pela conjuntura social, econômica, tecnológica e política em que o sonhador está inserido. O trajeto a ser percorrido para realização dos sonhos é cheio de desafios e incertezas e pedem luta e paciência para recuar quando necessário, uma busca que envolve importante característica empreendedora: a perseverança (FREIRE, 2014).

Quando se trata de ensino de Educação Empreendedora, a cidade São José dos Campos São Paulo pode ser considerada uma referência, posto que, esta se encontra presente em toda sua rede de ensino, com programas organizados para cada série/ano em parceria com as empresas locais e o SEBRAE. Dentre os vários projetos, a pedagogia empreendedora de Dolabela também é utilizada nas escolas, assim como o Junior Achievement, ligado a *General Motors* do Brasil (GMB). Desse modo, percebe-se que o investimento em Educação Empreendedora possibilitou ao município um destaque econômico entre as cidades paulistas (LOPES; TEIXEIRA, 2010).

Depois de conhecer como a Educação Empreendedora é trabalhada em cada um desses projetos apresentados pelos autores que estudam essa área, selecionou-se as estratégias e objetivos pertinentes para propor uma nova forma de utilizá-la, visto que se considera o fato de considerar que algumas questões precisavam ser repensadas e direcionadas para a realidade e as circunstâncias históricas, econômicas e políticas do Semiárido baiano.

Nesse sentido, a primeira questão repensada foi sobre tratar o empreendedorismo como a solução para a miséria e a pobreza, a fim de identificar o que pode levar os estudantes à crença que essa é a grande salvação para todos os problemas econômicos. O segundo ponto foi desmistificar a ideia que a Educação Empreendedora pode ser utilizada apenas para a formação de bons empregados ou administradores de negócios, pois, para além disso, é preciso pensar em primeiro lugar, na dimensão humana da proposta de ensino-aprendizagem

Nas oficinas, as atividades desenvolvidas foram construídas aliando o conteúdo da disciplina de Geografia com o incentivo das características empreendedoras. Esse modelo, com as adaptações necessárias, pode ser utilizado em qualquer disciplina e conteúdo, independente da etapa de ensino. Essa é uma estratégia que pode ser considerada inovadora, visto que, nas formas de ensino baseadas na Educação Empreendedora, citadas anteriormente, o docente precisa de uma aula ou disciplina específica para abordar o tema. Isso pode, muitas vezes, tornar-se um empecilho caso a grade curricular da escola não contemple essa disciplina.

### **3.3 Pensando o laboratório empreendedor**

Elaborar uma oficina que atendesse ao papel de usar a Educação Empreendedora para fortalecer os jovens e os adolescentes do Semiárido, demandou pesquisa e muita imaginação. Surgiram também outros questionamentos que implicaram nesse propósito: quem é o empreendedor? É possível ensinar alguém a ser empreendedor ou empreendedora?

O ser humano é capaz de aprender um novo comportamento se estiver constantemente exposto a circunstâncias que incentivem o despertar desse hábito. Com base na teoria sociointeracionista de Vygotsky, as autoras Tabile & Jacomet (2017), enfatizam a centralidade da aprendizagem da criança no ambiente e sua assimilação cognitiva das experiências. Assim, a aprendizagem ocorre na interação com o meio e a internalização de operações externas em internas. Veja-se o exemplo: se uma criança é exposta desde cedo a um ambiente de estímulos, ela possivelmente será influenciada, em parte, pelo espaço em que está inserida. Outros aspectos também influenciarão na formação dessa criança, sejam psicológicos, hereditários ou externos. Portanto, o empreendedor também pode ser influenciado pelas condições do contexto em que é exposto.

Os jovens e adolescentes nas pequenas cidades do semiárido baiano, como Botuporã, poderiam, dentro do contexto em que estão inseridos fazer escolhas? Considerar questões como: estar inserido em um território com menores índices de emprego formal na Bahia; ter a família marcada pela migração para os grandes centros urbanos; não possuir garantia de acesso e permanência na escola, são fatores que podem definir mais da metade de seus destinos. Nessa perspectiva, questiona-se: haveria possibilidades de uma mobilidade social nas condições herdadas que tornem viáveis novas formas de existência sem educação transformadora?

A oficina foi estruturada a partir de um conjunto de características consideradas comuns ao comportamento empreendedor e baseadas nas referências de Dolabela (2006), McClelland (1967) e Fillion (1999). As características trabalhadas foram: perseverança; autoconfiança; liderança; persuasão ou persistência; planejamento; proatividade e busca de conhecimentos que, nos estudos de Bedê (2010) são apontadas como algumas das mais frequentes nas pesquisas sobre o tema.

Inicialmente foi aplicado um questionário, antes da execução da oficina, nele, os estudantes responderam perguntas sobre o comportamento diante dos estudos. Com a análise das respostas foi possível notar algumas características empreendedoras foram apresentadas com maior constância e outras estavam quase ausentes. Porém, a proposta de oficina elaborada teve foco em contemplar todas as características dando atenção especial àquelas que apresentaram inconstância no levantamento feito em momento anterior. Cabe enfatizar que não se trata de medir a importância de cada uma ou definir que alguém necessite ter todas elas para ser ou não um empreendedor, a relevância é pensar como essas características podem ser ferramentas criativas para o fortalecimento desses estudantes.

A organização da proposta foi pensada dentro do conteúdo “continente africano”, previsto no plano de curso de Geografia na 4ª (quarta) unidade. Ela demonstra inovação no trabalho com Educação Empreendedora no ensino básico, a partir do entendimento de que o professor, diferente das propostas apresentadas anteriormente, pode seguir a mesma grade curricular e ao mesmo tempo trabalhar Educação Empreendedora.

À medida que o conteúdo era desenvolvido nas aulas expositivas e dialógicas, os estudantes formavam uma base de conhecimento sobre o assunto para que pudessem desenvolver as atividades propostas na oficina. Essas possibilitaram ampliar, fixar e reinventar o que já havia sido discutido nas aulas. Assim, cada atividade interligava o tema da aula com alguma característica empreendedora. Por exemplo, o jogo sobre o continente africano foi pensado de forma que, ao ser executado, os estudantes fossem instigados a usar a busca de conhecimentos. Nessa situação, o professor ou professora conduz o processo, mas precisa estar atento em viabilizar que os estudantes mergulhem e descubram novos conhecimentos que não precisam ser definidos ou controlados. A sistematização da oficina de Educação Empreendedora pode ser visualizada no quadro 5. Ele contém as atividades desenvolvidas com uma breve descrição e as características empreendedoras que podem ser instigadas em cada uma delas.

**Quadro 5:** Sistematização de oficina com o conteúdo continente africano baseado na educação empreendedora

Atividade	Descrição	Características trabalhadas
1-Desafio: viagem pelo continente africano	Jogo composto por cartas com perguntas, painel e dado;	Perseverança, liderança e busca de conhecimentos;
2-Quebra de paradigmas	Análise de imagem de ilusão de ótica e exibição do vídeo: “Os sete sábios cegos e o elefante”, bem como conversas para refletir sobre o assunto;	Busca de conhecimentos e autoconfiança;
3-Análise e desconstrução de discursos racistas, sexistas, homofóbicos	Conversas e observações, leitura do texto: “As armas da persuasão” e confecção de painel;	Persuasão, autoconfiança e planejamento;
4-Situação problema: doenças no continente africano	Resolução de caso por meio de pesquisa nos livros didáticos e internet.	Planejamento, proatividade, busca de conhecimentos e perseverança.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2020).

### 3.4 Aplicação da oficina

Inicialmente o plano, que contou com sugestões dos estudantes para elaboração, foi apresentado à coordenação pedagógica e em seguida as turmas. Os estudantes receberam a proposta com empolgação. Queriam saber quando aconteceria. Estavam ansiosos. Depois de acalmá-los iniciou-se a primeira atividade: “Desafio: viagem pelo continente africano”. A atividade consistia em um jogo, contendo um painel com o mapa do continente africano, imagens e uma trilha (Figura 2). O participante jogava o dado que definia quantas casas poderiam caminhar, contudo, para avançar no jogo precisavam responder as perguntas de forma coerente. As regras eram simples: organizar-se em grupos para jogar; cada grupo poderia jogar o dado uma vez, responder, e passar para o outro grupo. O objetivo era chegar ao final da trilha traçada.

**Figura 5-** Jogo sobre o continente africano utilizado na oficina de educação empreendedora na EMCA



**Fonte:** Pesquisa de campo (2019).

Por conseguinte, os estudantes se organizaram em grupos e iniciaram o desafio com a utilização dos livros didáticos e as anotações das aulas para auxiliar nas respostas. O jogo foi desenvolvido no tempo de duas aulas, equivalente a 1h:40 (uma hora e quarenta minutos). A busca de conhecimentos era instigada por meio da curiosidade, da pesquisa nos livros e revisão das anotações; a perseverança, pela necessidade de não desistir com os erros; a liderança, também estava presente na troca de ideias e organização do grupo para chegar a um consenso na resposta.

O uso de jogos no ensino, seja de Geografia ou de outras disciplinas, tem como objetivo oferecer possibilidades que, aliadas à criatividade dos discentes, podem viabilizar diferentes formas de ensinar e aprender. Na sociedade atual, é essencial a utilização de diferentes linguagens em qualquer ambiente de ensino, visto que, por meio delas torna-se

possível mergulhar em caminhos que possibilitem novas formas de conhecer e também um ensino mais inclusivo” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

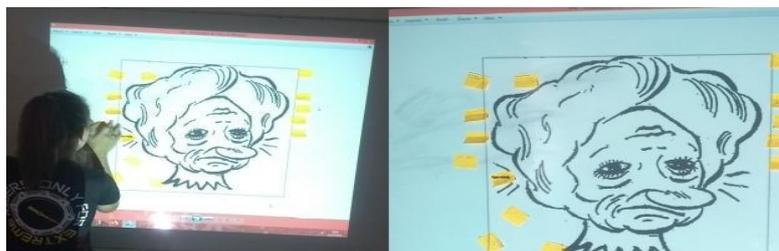
O jogo é uma dessas linguagens que reinventam e dão novas dimensões ao ensino-aprendizagem. Os estudantes mostraram-se muito empolgados com esse recurso. Nas conversas posteriores, para avaliar a oficina, essa foi uma das atividades que eles afirmaram gostar mais. Para eles, “é uma forma divertida de aprender. Macedo (1995) e Breda (2013) apontam que os jogos têm possibilidades de despertar tanto interesse por instigar os estudantes a viver situações da vida real. Nascer, crescer, enfrentar dificuldades, sobreviver, lidar com as desigualdades econômicas, se relacionar, encarar a morte. Para passar por esses momentos diversos muitas vezes somos levados a encarar a vida como um jogo. Entretanto, apesar de seu aspecto positivo de facilitar a aprendizagem, é preciso tratar com cuidado questões como: competitividade; individualismo e meritocracia. A competição pode ser proveitosa, entretanto, quando ultrapassa seu caráter estimulador pode provocar o surgimento de consequências negativas como a utilização de estratégias que desrespeitem as regras do jogo, gerar desmotivação, causar atritos entre os estudantes que podem repercutir para além do momento da atividade.

Durante a aplicação do jogo foi possível observar que os estudantes das duas turmas de 8º (oitavo) ano agiram de forma diferente no seu decorrer. Enquanto na turma um, do turno matutino, os grupos procuravam ajudar uns aos outros; na turma dois, no vespertino, essa iniciativa de ajuda foi tomada pela individualidade de cada grupo. Outros aspectos podem ter influenciado nesse comportamento, como a maior proximidade entre os estudantes da primeira turma, porém, são aspectos que não foram aprofundados.

Após a finalização, houve um momento para a turma avaliar a atividade. Nesse processo, discutiu-se como focar em um objetivo pode nos levar a aflorar a individualidade e competitividade, desconsiderando outros aspectos. Surgiram reflexões sobre como alcançar os objetivos de forma menos agressiva e individualista. Os estudantes pontuaram que eles poderiam ter chegado ao final do jogo juntos se tivessem utilizado a cooperação.

No segundo momento da oficina, objetivou-se trabalhar a quebra de paradigmas. Para isso, foi utilizada uma imagem de ilusão de ótica (Figura 2). Os estudantes foram orientados a escrever em um *post-it* sua primeira impressão ao se depararem com a imagem. Em seguida, fixaram o *post-it* em um painel exposto na sala.

**Figura 6-** Atividade quebra de paradigmas com imagem de ilusão de ótica na oficina de educação empreendedora na EMCA



Fonte: Pesquisa de Campo(2019).

A busca pela realização de metas e objetivos pode provocar a competitividade, dificultando uma visão integrada de nossas ações. Enxergamos apenas uma parte de uma totalidade. O empreendedor que não possui princípios éticos pode enxergar apenas a competitividade como elemento primordial de todas as relações. No entanto, pensar em ações coletivas de trocas e cooperação pode ser um caminho mais sólido, especialmente em momentos de crise.

A ilusão de ótica pode viabilizar também a reflexão sobre a cartografia eurocêntrica nas aulas de Geografia. Tradicionalmente, as crianças que vivem no Hemisfério Sul da Terra são ensinadas a se orientar ficando de costas para o hemisfério onde vivem e usando o Hemisfério Norte, como referência para se orientarem no espaço. Outro exemplo são os mapas planisféricos que apresentam sempre os países “subdesenvolvidos” ou em “desenvolvimento” abaixo dos países “desenvolvidos”.

O termo "Sulear", criado por Campos (1991), subverte essa lógica eurocêntrica e faz com que se possa ampliar a visão sobre coisas que parecem inquestionáveis. Faz com que o lugar do aluno possa ser também ponto de referência, revelando ainda que em uma escola, na qual a transmissão de conhecimentos sobrepõe o diálogo, surge a contradição entre preconceitos e o que é visto ou percebido, seguindo essas reflexões, as características empreendedoras também possuem relação com esse referencial de orientação. À medida que os conhecimentos prévios dos estudantes são colocados em destaque na aula para construção de outros conhecimentos, o estudante passa a ter maior autoconfiança e sente que pode enfrentar todos os desafios que surgem em seu entorno (CHIAVENATO, 2007).

Dando seguimento, houve a exibição do vídeo: “Os sete sábios cegos e o elefante<sup>7</sup>”. No vídeo os sete sábios tentam identificar um novo animal recém-chegado à cidade por meio de suas características. Cada sábio toca o animal e faz sua afirmação, mas não dialogam nem chegam a um consenso. Por fim, uma criança a pedido de um dos sábios desenha o animal no

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PTa\\_weeOPP4](https://www.youtube.com/watch?v=PTa_weeOPP4) . Acesso 04 mai. 2020.

chão e eles conseguem perceber que se trata de um elefante. O vídeo possibilitou retomar a reflexão sobre a característica empreendedora da liderança, saber dialogar e substituir a competição pela cooperação são habilidades importantes para convivência em grupo.

A quebra de paradigmas viabilizou a execução do terceiro momento no qual o propósito era observar, nas famílias e no contexto da sala de aula, frases que de alguma forma tentam diminuir o valor das pessoas devido às suas escolhas ou seu jeito de ser. A pesquisa não precisou se estender muito, os próprios estudantes começaram a relatar frases que haviam escutado e alguns descreveram a situação com tristeza ao recordar desses momentos.

Houve também expressões de deboche, risadas e brincadeiras. Momento que foi necessário intervir com questionamentos para que os estudantes percebessem como os risos e piadas muitas vezes distorcem o real significado de frases preconceituosas. As frases foram anotadas em *post-its* e depois fixadas em um painel para que, em momento posterior, pudessem ser reconstruídas. Entre elas, estavam relatos de racismo e “*bullying*” que eles já haviam sofrido dentro da escola. Elas continham discursos tratados como piada na sociedade de relações patriarcais, como: “*homem que usa brinco não é homem*”, “*tatuagem é coisa de...*”, “*mulher que usa roupa curta tá pedindo...*”; “*mulher no volante, perigo constante*”; “*cabelo ruim*”; “*homem tem que gostar de futebol!*”.

Provocar a reflexão e desconstrução desses discursos deixou a turma muito interessada. A motivação para desenvolver a atividade era visível e os instigavam até o instante de tocar o sinal, avisando o fim da aula. A conversa se estendia para os corredores da escola. Eles demonstravam estar ansiosos pelas próximas aulas. Esses acontecimentos despertaram algumas reflexões sobre a motivação dos estudantes.

É importante que a motivação esteja presente no processo de ensino-aprendizagem, dentro de cada momento de aula e estudos. Se os estudantes não enxergarem a importância daquilo que estão fazendo, a relevância do saber e do descobrir torna-se difícil. Algo ainda mais distante de ser alcançado com o currículo oficial, pois a forma como está organizado faz com que a motivação seja algo externo ao aprender. Estuda-se para passar na prova, para ser aprovado, para ter um bom emprego, para não ficar de castigo. Enquanto o gosto, o prazer de aprender por aprender ficam adormecidos (FREIRE; SHORT, 2014).

Na continuidade da oficina, a aula teve início com um texto do livro “Armas da persuasão” (anexo 1)<sup>8</sup>. A leitura obteve grande impacto sobre a turma que viajou nos dramas

---

<sup>8</sup> O texto encontra-se disponível nas p. 10-11 do livro: CIALDINI, Robert B. As armas da persuasão. Tradução: Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

vividos pela personagem que escreve uma carta para seus pais com a intenção de contar-lhes sobre uma nota baixa em uma determinada disciplina. Para amenizar a notícia, ela cria situações e acontecimentos gravíssimos como um incêndio no seu quarto e uma gravidez. No final da carta, ela revela o motivo de sua escrita. O texto possibilitou a reflexão sobre os argumentos e o poder de persuasão, que pode ser produzido pela organização das ideias. A notícia da nota baixa foi amenizada, pois antes vieram coisas mais difíceis de serem resolvidas.

A persuasão é uma característica empreendedora essencial para um líder, vale salientar que não se deve confundir liderança com opressão. O líder dialoga e de alguma forma representa a vontade de um grupo, administra situações conflituosas, pensa no coletivo. A persuasão fortalece a defesa de ideias e opiniões. A pessoa persuasiva utiliza de argumentos para dialogar e expor seus pensamentos.

Posterior a leitura do texto e conversa com a turma, seguiu-se para elaboração do painel com a reformulação das frases preconceituosas que eles haviam relatado na aula anterior. Os estudantes se organizaram por grupos e a atividade foi conduzida primeiro pela leitura das frases e reflexão. Cada grupo deveria apresentar uma proposta de reescrita desconstruindo os discursos discriminatórios. As frases reescritas foram anexadas em um painel com imagens relacionadas ao tema (Figura 4). Nesse momento, a persuasão é utilizada para subverter o que geralmente é aceito como algo universal nas relações patriarcais. Usar argumentos para subversão desses conceitos não é o mesmo que substituir a frase: “*mulher no volante perigo constante*”, por: “*homem no volante perigo constante*”. Isso apenas inverteria o preconceito. É necessário usar argumentos bem construídos que possam permitir repensar ideias cristalizadas ao longo da história

**Figura 7-** Painéis elaborados na atividade desconstruindo e reconstruindo discursos da oficina de Educação Empreendedora na EMCA



**Fonte:** Pesquisa de Campo (2019).

A última etapa da oficina foi elaborada de forma que os estudantes pudessem utilizar as características de planejamento, proatividade, busca de conhecimentos e perseverança. Foi

dada uma história com dois personagens envolvidos em uma situação de contaminação por uma doença (Figura 5). Os personagens, um casal de biólogos, encontram-se em um país africano, porém, após alguns dias começaram a apresentar sintomas que indicavam uma série de doenças. A turma foi desafiada a descobrir sobre qual seria a doença para ajudar os médicos a fazerem um diagnóstico correto.

**Figura 8-** Situação-problema utilizada na oficina de Educação Empreendedora na EMCA

## Doenças no continente africano

**Ajude os médicos a salvarem a vida do casal de biólogos**

Helena acaba de chegar de mais uma viagem internacional.

Ela passou alguns dias viajando pela África subsariana. Foi até República Democrática do Congo para encontrar Gusatvo.

Os dois são biólogos e se conheceram pela internet. Gustavo apesar de estar com um pouco de febre no dia que Helena chegou. Estava muito feliz.

Gustavo trabalha resgatando animais nas savanas africanas.

### No retorno para o Brasil...

Dez dias depois de encontrar com Gustavo, Helena já está de volta ao Brasil. Quando começa a sentir: febre, dor de cabeça e muita fraqueza.

Ela achava que era só um resfriado, mas só piorava. Teve que ser hospitalizada as pressas. Agora tinha diarreia, vômitos, dor abdominal, falta de apetite e hemorragia.

A família de Helena ligou para Gustavo para falar sobre Helena. Quando descobrem que Gustavo também tinha os mesmos sintomas e estava entre a vida e a morte.

**Qual a doença afeta o casal de biólogos?**

**Como eles pegaram essa doença?**

**Ajude os médicos a salvarem as vidas de Helena e Gustavo!**

Fonte: A própria autora(2019).

O problema deixa margem para várias possibilidades de investigações e respostas. Nesse momento, a busca de conhecimentos e o planejamento foram importantes para conseguir identificar os países visitados pelos personagens, saber quais doenças estavam proliferando naquele momento, analisar os sintomas, o período de incubação das doenças. Por outro lado, os estudantes também poderiam resolver rapidamente dizendo que não precisavam desvendar nada, bastaria fazer exames de laboratório que levaria a um diagnóstico. Porém, eles seguiram a estratégia de análise da história, o que instigou a curiosidade e o desejo de descobrir novas coisas. Sem objetivo de passar em uma prova ou tirar uma nota para aprovação.

O uso de resolução de problemas é apontado por Rocha & Freitas (2014) como um dos principais métodos, técnicas ou recursos utilizados no ensino da Educação Empreendedora. Ela faz com que os estudantes precisem fazer uso dos conhecimentos reais para encontrar uma solução. Para resolver uma situação-problema, os estudantes são impulsionados a ir em busca de informações; entender conceitos e fenômenos; relacionar o novo conhecimento com os saberes precedentes, num processo onde o docente é o mediador (SILVA; BIEGING; BUSARELLO, 2017).

Ao longo da oficina, tornou-se perceptível como os estudantes, que pouco participavam das aulas, passaram a apresentar relatos de suas vivências e demonstrarem interesse pelo conteúdo. Era perceptível, mesmo aqueles que não falavam com palavras, em suas expressões o quanto cada discussão era compreendida ou os afetavam de alguma forma. Especialmente na atividade de desconstrução dos discursos preconceituosos e discriminatórios, que muitas vezes fazem parte dos assuntos silenciados na escola.

Há muitas coisas que não são ditas no ambiente escolar que podem ser notadas nas paredes das escolas, nos olhares dos estudantes ou em suas posturas. Todos esses elementos podem refletir problemas emocionais, psicológicos, políticos e econômicos. Conhecer a realidade em que está inserida a escola e os estudantes é essencial para que o educador possa fazer uma melhor conexão dos saberes escolares com os conhecimentos prévios dos educandos. Cada pessoa carrega consigo as marcas de sua história, questões que podem influenciar na aprendizagem e precisam ser tratadas com cuidado.

A professora ou professor em uma aula de Geografia, por exemplo, pode desenvolver um conteúdo muito importante como cartografia, falar das coordenadas, trabalhar a orientação e localização no espaço. No entanto, dentro dessa aula pode surgir um estudante que não demonstre a mínima atenção para o assunto, independente da diversidade de recursos metodológicos utilizados. Aqueles e aquelas que estão dormindo sobre os livros, no canto da

sala, muitas vezes são o mapa vivo da fome e das várias desigualdades que permeiam as pequenas cidades do Semiárido baiano. Os próximos passos dessa aula dependem muito de como o docente conduzirá essa situação: ignorar e continuar ensinando para alguns? Parar a aula e intervir, buscando resolver o problema? Até onde o docente e a escola conseguem agir em situações como essas?

O público participante da pesquisa é, em maior parte, oriundo da zona rural. Alguns pertenciam a famílias em situações precárias, sobreviviam apenas com o benefício assistencial do Bolsa Família. Os pais complementam a renda com alguns dias de serviço de “boia fria”, no caso do pai, ou pelo trabalho doméstico na cidade de maneira informal, no caso da mãe. Muitas vezes a carência não se resumia apenas a recursos econômicos, chegando até mesmo na ausência de cuidados com a higiene básica. Será que essa realidade pode ser deixada de lado pelo docente?

Ensinar precisa ser um ato de amor que considere primeiro o sujeito e sua realidade. O ato de ensinar necessita querer bem aos alunos e alunas. É errônea a ideia de que um bom educador precisa ser frio, não demonstrando afetividade. O afeto do educador poderia interferir na disciplina, respeito e concentração dos estudantes. Paradoxalmente, o professor e a professora podem unir a afetividade, a rigorosidade e a ética, tão importantes nessa profissão. Trazer os estudantes para perto possibilita conhecer cada um, entender suas potencialidades e conduzir as relações no ambiente escolar sem autoritarismo, mas pautadas no diálogo e no respeito (FREIRE, 1997).

Na mesma simplicidade que Paulo Freire coloca a educação como ato de amor é preciso destacar nesse sentido que o autor também discute em “Professor sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” a importância dos professores e professoras não serem tios e tias, mas sim profissionais que necessitam de condições dignas de trabalho. O ato de chamar os docentes de tios e tias pode ser carinhoso e inocente para as crianças, no entanto é preciso lembrar que somos professores e professoras e não tios e tias que cuidam e educam seus sobrinhos por um ato de amor ou parentesco, sem remuneração, sem se organizar para lutar por seus direitos.

Após a realização da oficina, foi aplicado o questionário com as perguntas do Quadro 1 para identificar mudanças quanto a presença das características empreendedoras nos estudantes. As perguntas foram adaptadas a partir do primeiro questionário, modificando apenas a redação. O questionário utilizou de perguntas objetivas em que os estudantes deveriam dar uma nota em cada comportamento: (0) nunca, (1) raras vezes, (2) algumas vezes (3) sempre.

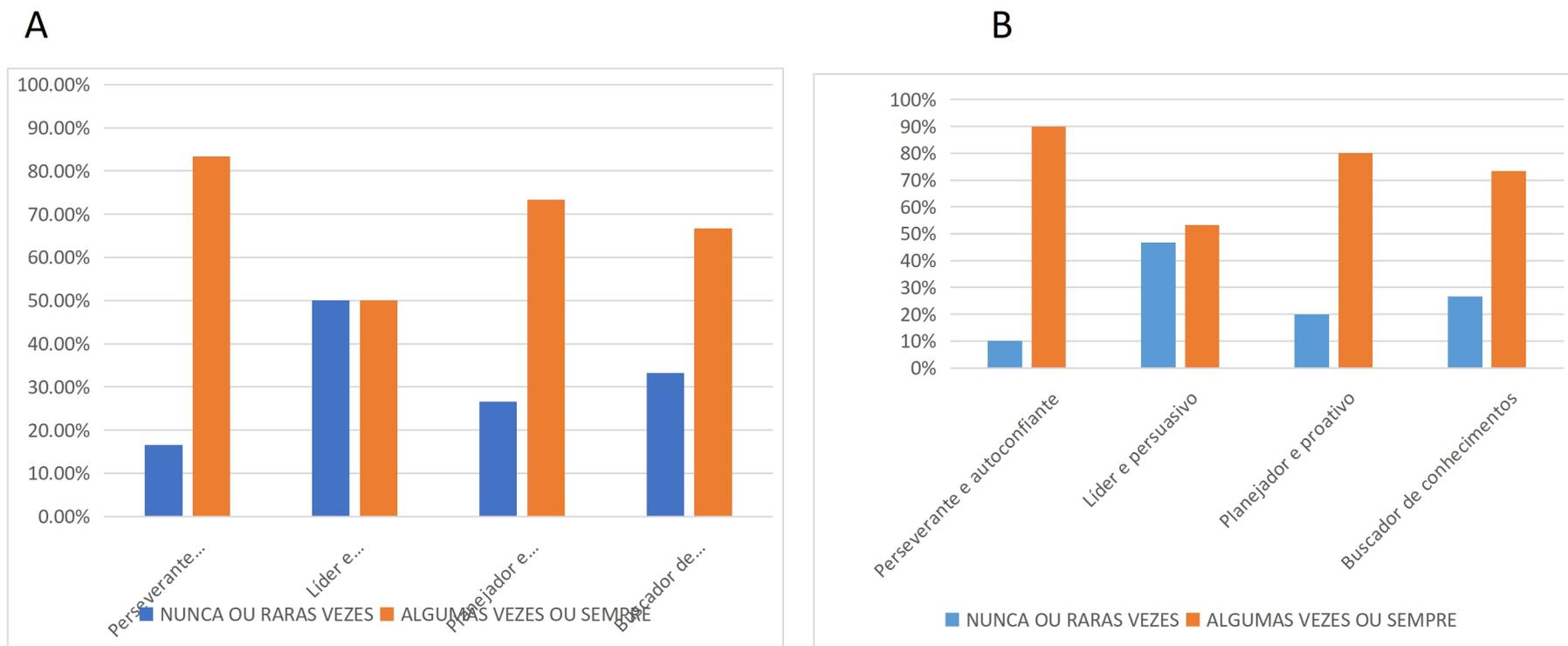
**Quadro 6** - Perguntas utilizadas para investigar o comportamento empreendedor dos estudantes do 8º ano/série na EMCA, após a oficina de educação empreendedora

Número para ser atribuído (0) nunca, (1) raras vezes, (2) algumas vezes, (3) sempre		
Nº	Descrição	Característica
Questão 1	Não desisto fácil das coisas. Na escola considero que sou uma pessoa persistente, apesar das dificuldades. Se não consigo responder uma atividade, busco ajuda, leio novamente até entender ou resolver. Acredito que tudo vai dar certo no final, independente das dificuldades enfrentadas.	Perseverança e autoconfiança.
Questão 2	Sou escolhido para liderar os trabalhos e atividades. As pessoas pedem minha opinião sobre assuntos na escola ou em casa e, geralmente, influencio a opinião delas sobre algum assunto discutido.	Liderança e persuasão
Questão 3	Você consegue fazer com que as pessoas escutem e aceitem sua opinião? Por exemplo, um debate sobre algum assunto.	
Questão 4	Planejo o que vou fazer, crio prazos para cumprir tarefas e sou organizado(a).	Planejador e proativo
Questão 5	Sempre que me deparo com um problema procuro soluções e formas de resolvê-lo.	
Questão 6	Estou em busca de novas informações, leio notícias, livros e busco sempre descobrir a origem das coisas e aprender a fazer coisas novas.	Busca de conhecimentos

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

Por meio dos questionários aplicados foi possível, posteriormente, realizar a comparação das características empreendedoras, antes (Figura 3), e depois do desenvolvimento da oficina (Figura 10). Assim, torna-se possível incidir sobre o potencial da oficina apresentada como forma de despertar as características empreendedoras em jovens e adolescentes do Semiárido baiano.

**Figura 9-** Características empreendedoras dos estudantes antes ou após (PRÉ E PÓS) a oficina de Educação Empreendedora



**Fonte:** Própria autora (Dados coletados 12/2019)

Observar como características como perseverança e autoconfiança aparecem com constância na comparação das figuras A e B desperta outra vez as reflexões propostas por Macedo (1995) e Breda (2013) sobre a competição, motivação e como os jogos são parecidos com a realidade dos estudantes. A perseverança e a autoconfiança parecem ter relação com essas atitudes despertadas pelos jogos.

Nesse sentido, atividades desenvolvidas na oficina permitiram visualizar como aspectos de competição, consumo e imediatismo estão presentes na vida dos jovens e adolescentes do Semiárido baiano pesquisados. Enquanto, valores como cooperação, estão menos presentes. Santos (2017), ao discutir sobre o território usado, mostra que esse é acionado por dois mecanismos independentes: a “tecnosfera” e a “psicosfera”. A primeira está relacionada com a quantidade de infraestrutura disponível, e a segunda com a forma como a mente das pessoas é reconfigurada para que participem da aceleração da produção de mais técnicas e mais ciências.

A construção do imaginário dos jovens e adolescentes do Semiárido tem relação com esses mecanismos. O território pode ter para os moradores dessa região um significado de uso, de abrigo. Todavia, para as empresas ele pode possuir apenas valor de dinheiro. Assim, o consumo, a competitividade, a rapidez precisam fazer parte da imaginação desses moradores que o processo de expansão e progresso sejam efetivados. Mesmo que esse progresso não tenha o mesmo significado para todos.

De forma geral, a comparação dos dados quantitativos coletados na pesquisa (Figura 10) indica o aumento de todas as características empreendedoras após o desenvolvimento da oficina. Entretanto, é preciso considerar que, devido ao pequeno espaço de tempo entre a finalização da oficina e aplicação do segundo questionário, foi possível apenas averiguar a aprendizagem imediata dos estudantes. Na comparação dos resultados obtidos com a aplicação dos questionários é possível identificar que ocorreram algumas alterações quanto a presença das características investigadas.

Os dados apresentados na Figura 10 permitem a comparação do percentual das características empreendedoras obtidas por meio da aplicação dos questionários 1 e 2. A organização foi realizada a partir de dois grupos: nunca ou raras vezes e algumas vezes e sempre. Para perseverança e autoconfiança 16,60% dos estudantes responderam nunca ou raras vezes apresentar esse comportamento antes da oficina, após a oficina, esse número

reduziu para 10%. Enquanto isso, 83,40% algumas vezes ou sempre eram perseverantes e autoconfiantes, posterior a oficina esse número aumentou para 90%.

Nesse sentido, os estudantes são constantemente perseverantes e autoconfiantes, ou seja, não desistem diante das dificuldades. De acordo com Dolabela (2006) e Minello (2010), a perseverança é uma das características mais essenciais a um empreendedor. Ela está relacionada com o quanto gostamos do que fazemos, se o estudante se motiva pelo ato de aprender e descobrir ele sempre insistirá para conhecer e aprender mais gerando autoconfiança. Ela também está ligada a capacidade de adaptação e reequilíbrio diante das dificuldades.

Outro grupo de característica empreendedora relevante é a liderança e persuasão. Quanto a esse grupo, 50% dos estudantes indicaram nunca ou raras vezes apresentarem essas características antes da oficina, após, esse número reduziu para 46,70%. Enquanto liderança e persuasão estavam presentes algumas vezes ou sempre em 50% antes da oficina e posteriormente aumentou para 53,30%. Esse resultado permite incidir sobre a relação dos docentes e discentes nas aulas. Podemos refletir também sobre a convivência desses jovens e adolescentes nos espaços de vivência além do escolar.

A pergunta utilizada para averiguar a liderança e persuasão mostra que a opinião dos estudantes é pouco solicitada e considerada. Nesse sentido, Freire (1997, p. 13), ressalta que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Assim, a aula precisa ser um momento constante de indagação em que a opinião e a realidade dos estudantes sejam o ponto de partida para construção de novos conhecimentos.

Quanto ao conjunto planejador e proativo, que tratam de aspectos como organização e resolução de problemas. Os dados indicam que 26,60% dos estudantes apresentavam essas características nunca ou raras vezes antes da oficina. Índice que reduziu para 20% posterior à oficina. Enquanto isso, 73,40% dos estudantes responderam apresentar esse comportamento algumas vezes ou sempre, aumentando para 80% após a oficina.

Os grupos de características planejador e proativo, bem como, líder e persuasivo são os mais ausentes entre as características empreendedoras investigadas nesta pesquisa. O planejamento é relevante na execução de qualquer atividade, assim como, na organização do tempo de estudos. McChelland (1961), ao estudar o comportamento empreendedor, classificou os elementos relacionados ao planejamento: traçar metas e acompanhar o que foi planejado como um conjunto essencial ao empreendedor (BRANCHER; OLIVEIRA;

RONCON, 2012). Já a proatividade está relacionada com a busca de soluções para enfrentar as dificuldades e desafios, criticando e propondo novos caminhos.

Por fim, a busca de conhecimentos foi a característica com maior aumento posterior a realização da oficina, assim como, o conjunto relativo à perseverança e autoconfiança. Antes da oficina 33,30% disseram nunca ou raras vezes serem buscadores de conhecimentos, reduzindo para 26,70% após a oficina. E 66,70% responderam possuir essa característica algumas vezes ou sempre, antes da oficina, aumentando para 73,30% em momento posterior à oficina.

Perpassando pelos dados coletados no decorrer da pesquisa, torna-se possível compreender que as características perseverança, autoconfiança e busca de conhecimentos, são as mais potencializadas pela oficina, pois já permeavam a vida dos estudantes com recorrência desde as primeiras observações. Com a oficina a facilidade de colocá-las em movimento foi potencializada.

### **Reflexões finais**

Esta pesquisa buscou descrever a experiência de elaboração e desenvolvimento de uma oficina baseada na Educação Empreendedora, bem como, investigar o potencial de uma proposta de ensino baseada nessa perspectiva para despertar tais características de forma mais precisa, na disciplina de Geografia, no ensino fundamental anos finais. Para tal investigação, utilizou-se de uma oficina e de dois questionários, aplicados antes e após o desenvolvimento da proposta de ensino.

A oficina desenvolvida permitiu constatar que o uso da Educação Empreendedora na aula de Geografia atraiu os estudantes. Eles demonstraram maior interesse desde o primeiro momento que a proposta foi apresentada, realizando as atividades com disposição, sem se preocuparem com o fim da aula. Estavam imersos na busca de conhecimentos, por meio dos livros, anotações e de conversas com os colegas.

A oficina contou com 4 atividades e durante a execução de todas elas os estudantes mantiveram-se atentos e participativos. Durante as atividades “quebra de paradigmas” e “desconstrução de discursos preconceituosos” ficou evidente o impacto das reflexões sobre enxergar a totalidade, dialogar e ter respeito, bem como a importância do planejamento para dividir as tarefas de montagem do painel e desconstruir e reconstruir cada frase.

No decorrer da oficina notou-se a presença da perseverança. Por exemplo: durante o jogo o grupo que estava muito distante de alcançar a reta final não desistiu de participar mesmo quando não havia mais probabilidade de chegar primeiro. No contexto do Semiárido baiano a perseverança e também o planejamento são ainda mais relevantes. Observando as plantas xerófitas, comuns nessa região, que retêm a maior quantidade de água possível em suas raízes no período chuvoso, geram frutos no tempo certo e quando a estiagem se aproxima, autoconfiantes despedem-se de suas folhas. Os jovens e adolescentes do Semiárido baiano também podem ter o planejamento e a perseverança como fonte de fortalecimento.

Na comparação das características empreendedoras tornou-se visível que algumas estão presentes com maior constância, são elas: perseverança e autoconfiança; busca de conhecimentos; planejamento e proatividade, enquanto, liderança e persuasão apresentaram maior ausência entre os estudantes. Por meio dessa análise tornou-se possível identificar também que todas as características obtiveram aumento depois da oficina, o que demonstra a capacidade dessa proposta de ensino em despertar características empreendedoras.

Vale ressaltar que todos os aspectos que permeiam os espaços de vivência dos estudantes, não só o escolar, influenciarão em sua formação e em suas perspectivas de vida. Isso revela a atenção que é preciso ter ao buscar uma nova prática de ensino, geralmente nós, educadores, nos inquietamos e lamentamos com o insucesso de nossas tentativas em alcançar uma educação que permita transformar a realidade. Freire & Short (2014), ao dialogarem sobre tal situação, nos alertaram para a necessidade de não depositarmos na escola e na educação transformadora a responsabilidade de libertarem sozinhas, o que seria uma visão idealista que não considera os elementos que fazem parte da organização social como: classe, raça, gênero, ambiente e trabalho.

O ano de 2020 também possibilita outras reflexões sobre essa proposta de ensino criada e desenvolvida em 2019. A pandemia ocasionada pela COVID-19 passou a exigir ainda mais dos docentes o uso de metodologias atrativas nas aulas remotas, desafio que na maior parte das vezes o docente está encarando sozinho, sem apoio na formação ou nos recursos tecnológicos exigidos por essas aulas. Nesse contexto, a proposta de ensino baseada nas características empreendedoras, apresentadas nesse texto, podem servir como alternativas considerando as adaptações necessárias. Os jogos podem ser montados em programas online, os cartazes e *post-its* podem ser substituídos por programas como *Padlet*<sup>9</sup>. Essa busca é

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://pt-br.padlet.com/dashboard>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

importante para que a educação remota não seja uma educação de depósito de conteúdo.

Por fim, a proposta de ensino de Educação Empreendedora, apresentada aqui, mostra sua capacidade de expansão. Ao final deste estudo tornou-se visível que o trabalho de campo, por exemplo, é uma atividade que pode ser aliada ao trabalho com Educação Empreendedora e a Geografia. Outra possibilidade é focar também o trabalho com educação financeira ao tratar temas como consumo. Enfim, são muitas as conexões possíveis permitidas pela Educação Empreendedora na busca de uma educação transformadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado neste trabalho buscou entender a capacidade da Educação Empreendedora inserida na Educação Básica como ferramenta para pensar ações criativas de fortalecimento dos jovens no Semiárido baiano. Para isso, partiu-se de três objetivos específicos que deram origem aos capítulos que compõem essa dissertação de mestrado.

No capítulo 1 foi possível perceber que os pesquisados apresentavam em seus comportamentos as características: perseverança, proatividade e busca de conhecimentos, comuns ao perfil empreendedor. Porém, outras como: liderança; autoconfiança e planejamento estavam mais ausentes. Notou-se também que a infraestrutura local, as condições econômicas e as vivências dos jovens e adolescentes também influenciam em sua formação. Os resultados despertaram o interesse em entender a importância das características empreendedoras na vida dos moradores da região semiárida e como elas estão presentes na escola.

No capítulo 2, foram mobilizadas observações das experiências dos estudantes e análise do currículo escolar, levando a identificar que a escola não possui Educação Empreendedora de forma expressa em seu currículo. Contudo, com a reformulação do currículo para alinhar-se à BNCC algumas características aparecem de forma subjetiva. Por exemplo: resolução de conflitos e problemas e ampliar a capacidade de dialogar, revelam objetivos similares às características empreendedoras, proatividade e liderança. Por sua vez, a observação participante com os estudantes permitiu perceber como a presença da Educação Empreendedora pode ser importante na formação pessoal.

A partir das reflexões apresentadas nos capítulos 1 e 2, o capítulo 3, apresentou a elaboração e desenvolvimento de uma oficina baseada na Educação Empreendedora, sendo possível concluir que a proposta de ensino apresentada possui potencial de despertar características empreendedoras e o interesse dos estudantes nas aulas. Contudo, há a necessidade de considerar que outros fatores externos ao desenvolvimento da proposta também exercem influência na formação dos sujeitos e em sua aprendizagem.

Após a análise dos dados, reflexão sobre as observações e possibilidades do estudo apresentados, torna-se possível concluir que a Educação Empreendedora possui potencial em ser uma fonte de fortalecimento, não só para os jovens e adolescentes, mas também para os docentes que podem ter no uso da Educação Empreendedora uma ferramenta para pensar

ações criativas de ensino, assim como, para todos os sujeitos envolvidos ou atingidos por essa proposta.

Assim, para que essa proposta de ensino possa ser conhecida, testada, ampliada, ou que seja fonte de inspiração para outras educadoras e educadores, disponibilizo como produto educacional desta pesquisa um *e-book* contendo o passo a passo da oficina de Educação Empreendedora relatada no capítulo 3. Nesse *e-book* é possível encontrar também sugestões de como desenvolver as mesmas atividades da oficina em tempos de aula remota.

É importante destacar que este trabalho não abre mão do termo Educação Empreendedora, pelo contrário, tenta ressignificá-lo enfatizando seu potencial dentro do cenário escolar como proposta de ensino que, neste estudo, é uma ferramenta capaz de possibilitar o pensar, o imaginar e o agir de forma inventiva e criadora permitindo reinventar, permanecer, sobreviver e escolher. É relevante considerar a força e resiliência da população do Semiárido, antes de se pensar qualquer proposta de ensino nessa região. Parafraseando Euclides da Cunha, o povo do Semiárido são antes de tudo, uns fortes!

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Planos de curso do ensino fundamental anos finais da Escola Municipal Castro Alves, 2019.

Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Castro Alves, 2015.

## REFERÊNCIAS

BAHIA. **Secretária de Educação do Estado da Bahia. Dados do Censo Escolar divulgados pelo INEP apontam avanços na Educação na Bahia**, Bahia, 2017. Disponível em: <http://institucional.educacao.ba.gov.br/noticias/dados-do-censo-escolar-divulgados-pelo-inep-apontam-avancos-na-educacao-na-bahia>. Acesso em 26 fev. 2020.

BRASIL. **Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em 26 fev. 2020.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BEDÊ, M. A. **O uso de técnicas lúdicas no ensino do empreendedorismo: um estudo de caso**. In: **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rose Lopes (org.). Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

BLAMONT, E. et al. O Semiárido da Bahia: problemas, desafios e possibilidades. *Bahia Agric.*, v.5, n.2, nov. 2002. Disponível em: [http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/v5n2\\_semiarido.pdf](http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/v5n2_semiarido.pdf). Acesso em 01 de ago. 2020.

BRANCHER, I. B.; OLIVEIRA, E. M.; RONCON, A. comportamento empreendedor: estudo bibliométrico da produção nacional e a influência de referencial teórico internacional. *Internext – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 166-193, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://internext.espm.br/internext/article/view/136>. Acesso em: 06 de ago. 2020.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**, Nº 9394 de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 31 de ago. 2020.

BREDA, Thiara Vichiato. **O uso de jogos no processo de ensino aprendizagem na Geografia escolar**. 2013. 142 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/286754>. Acesso em: 30 jul. 2020.

CAMPOS, M. D. Por que SULear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica. **Revista Interdisciplinar Sulear**, Minas Gerais, v.2, Nº. 2, p. 10-35, set, 2009. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/Sulear/issue/view/277>. Acesso em: 30 jul. 2020.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

DIAS, Isabel Simões. Competências em Educação: conceito e significado pedagógico. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, V. 14, Nº 1, p. 73-78. Janeiro/Junho, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a08.pdf>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

DI PIERRO. Notas Sobre a Redefinição da Identidade e das Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial – Out, 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> . Acesso em 13 de mar. 2021.

DOLABELA, F. **O Segredo de Luísa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. 394p.

\_\_\_\_\_. FILION, L. J; Fazendo revolução no Brasil: a introdução da Pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, [S.l], v.3, n.2, p. 134-181, 2013. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/30766/fazendo-revolucao-no-brasil---a-introducao-da-p--->. Acesso em: 30 jul. 2020.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **RAUSP Management Journal**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 6-28, 1999. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18122/empreendedorismo--empreendedores-e-proprietarios-gerentes-de-pequenos-negocios>. Acesso em: 31 ago. 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 48. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 144p.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 30.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 192 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, 160p.

\_\_\_\_\_; SHORT, I. **Medo e ousadia: o cotidiano o professor**. Tradução Adriana Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 244.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. IBGE Cidades. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/botupora/panorama> . Acesso em 01 de ago. 2020.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017. Disponível em: <http://institucional.educacao.ba.gov.br/noticias/dados-do-censo-escolar-divulgados-pelo-inep-apontam-avancos-na-educacao-na-bahia>. Acesso em: 16 de nov. 2020.

LOPES, R. M.; TEIXEIRA, M.A.A. **Educação empreendedora no ensino fundamental: o caso da educação municipal de São José dos Campos**. In: \_\_\_\_\_ (org.) A Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

MACEDO, Lino de. **Jogos e sua importância na escola**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 93, p. 5-11, 1995. Disponível em: [https://repositorio.usp.br/single.php?\\_id=000889150](https://repositorio.usp.br/single.php?_id=000889150). Acesso em: 29 de julho de 2020.

MARLI, Mônica. **No Brasil, cerca de 11 milhões de jovens não estudam e nem trabalham**. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25801-nem-nem>. Acesso em: 26 fev. 2020.

MINELLO, I. F. **Resiliência e insucesso empresarial: o comportamento do empreendedor**. Curitiba: Appris, 2014, 288 p.

MOREIRA, A. F. B. **Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2008**. [sitorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/840/1/Pedagogiaempreendedora.pdf](http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/840/1/Pedagogiaempreendedora.pdf). Acesso em: 24 de julho de 2019.

PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3ªed. São Paulo: Cortez, 2009.384p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.64p.

KRÜGER, C; PINHEIRO, J. P; MINELLO, I. F. As características comportamentais empreendedoras de David McClelland. *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*, 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2017/01/mcclelland.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ROCHA, E. L. C.; FREITAS, A. A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, art. 5, pp. 465-486, Jul./Ago. 2014

SACRISTÁN, G. J. **O que significa o currículo?** In \_\_\_\_\_ (org.). Saberes e incertezas sobre o currículo. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 16-35. 542 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.p. 392.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Ed. 27ª. Rio de Janeiro: Record, 2017.236p.

SCHMIDT, S., & BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **RAC**, Curitiba, v. 13, n. 3, art. 6, p. 450-467, Jul./Ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v13n3/v13n3a07.pdf>. doi: 10.1590/S1415-65552009000300007. Acesso em: 31 ago. 2020.

SCHMIDT, C. M. DREHER, M.T. Cultura Empreendedora: Empreendedorismo Coletivo e Perfil Empreendedor. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-14, Jan./Mar. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36626/39347/> . Acesso em 16 de nov. 2020.

SILVA, A. R. L. da; BIEGING, P.; BUSARELLO, R. I. **Metodologia ativa na educação**. 1ª.ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.150p.

SILVA, J. F.; PENA, R. P. M. O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.6, n.2, p. 372-401, mai./ago., 2017. Disponível em: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/563>. Acesso em: 04 set. 2020.

SILVA, Maurizete Jesus. **Educação Empreendedora no Curso de Ciências Biológicas do Campus VI – UNEB**. 2018. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado da Bahia, Caetité, 2018.

SOARES, Rosemary Dore. **Gramsci, o estado e a escola**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2000.

SOUZA, M. A. A. de. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural:ensaio geográfico sobre o espaço banal. **Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidade**,vol.2,n.4, p. 1-17,outubro, 2019. Disponível em:<https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/26485/23259>. Acesso em 13 de jun. 2020.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. trad. Eloisa Araújo. São Paulo: CosacNaify, 2015

TABILE, A.F.; JACOMET, M. C. D. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. **Rev. Psicopedagogia**. Rio Verde-MT, v. 34, n. 103, p.75-86, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped>. Acesso em: 19 de jul. 2020.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol. 22, n. 63, p 153-155, fev., 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0102690920070001&lng=es&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102690920070001&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 13 de mar. 2021.

## **APÊNDICES**

Apêndice 01 e 02- Questionários utilizados na pesquisa;

Apêndice 03- Termo de consentimento do responsável pelo menor;

Apêndice 04- Termo de assentimento do menor.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS VI**  
**COLEGIADO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO, LINGUAGEM E  
 SOCIEDADE (PPGELS)

**QUESTIONÁRIO de pesquisa 1: Educação Empreendedora: uma proposta de ensino para o fortalecimento dos jovens e adolescentes no semiárido baiano**

Você está sendo convidado(a) a responder este questionário de pesquisa que já teve seus objetivos esclarecidos pelo Termo de assentimento que você assinou, assim como pelo termo de consentimento do menor assinado por seu responsável.

Responda com calma e do seu jeito. Nas questões 3, 4, 5 e 6 você deve dar uma nota sendo: (1) nunca, (2) raras vezes, (3) algumas vezes, (4) sempre para indicar o quanto você tem ou não cada comportamento.

Nome:	Idade:	Série/ano:
<b>(1) nunca, (2) raras vezes, (3) algumas vezes, (4) sempre</b>		
1-Você conhece algo sobre empreendedorismo ou educação empreendedora?		
Sim( ) Não( )		
2-Marque um X na afirmação que melhor define educação empreendedora para você?		
<input type="checkbox"/> Ensinar a abrir um negócio ou empresa. <input type="checkbox"/> Estimular os jovens a tornarem-se atores nas transformações sociais e econômicas. <input type="checkbox"/> É apenas administrar uma empresa ou negócio. <input type="checkbox"/> É despertar as características empreendedoras para que a pessoa seja agente de mudanças, inovação, criatividade etc.		
3 - Não desisto fácil das coisas. Na escola considero que sou uma pessoa persistente apesar das dificuldades, se não consigo responder uma atividade busco ajuda, leio novamente até entender ou resolver. Acredito que tudo vai dar certo no final independente das dificuldades enfrentadas.		
4- Sou escolhido para liderar os trabalhos e atividades e as pessoas pedem minha opinião em assuntos na escola ou em casa e geralmente influencio a opinião delas sobre algum assunto discutido.		
5- Planejo tudo que vou fazer e estabeleço prazos (data para cumprir) e formas de alcançar o que planejei.		

<p>6-Estou em busca de novas informações, leio notícias, livros e busco sempre descobrir a origem das coisas e aprender a fazer coisas novas.</p>	
<p>7-Você possui sonhos? Qual ou quais são eles? E o que você está fazendo para transformá-los em realidade?</p> <hr/>	
<p>8- Você possui algum familiar que trabalhe com alguma das atividades abaixo? Assinale um x para indicar.</p> <p>( ) Revendedor(a) de revistas ou outros produtos.</p> <p>( ) Comércio(farmácia, mercado, etc.)</p> <p>Quem é essa pessoa? _____</p>	
<p>9- No seu futuro você pretende:</p> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS VI**  
**COLEGIADO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO, LINGUAGEM E  
 SOCIEDADE (PPGELS)

**QUESTIONÁRIO de pesquisa 2: Educação Empreendedora: uma proposta de ensino para o fortalecimento dos jovens e adolescentes do semiárido baiano**

Você está sendo convidado(a) a responder este questionário de pesquisa que já teve seus objetivos esclarecidos pelo Termo de assentimento que você assinou, assim como pelo termo de consentimento do menor assinado por seu responsável.

Responda com calma e do seu jeito. Você deve dar uma nota sendo: (1) nunca, (2) raras vezes, (3) algumas vezes, (4) sempre para indicar o quanto você tem ou não cada comportamento.

**NOME COMPLETO:** \_\_\_\_\_

**QUESTÃO 1**– Não desisto fácil das coisas. Na escola considero que sou uma pessoa persistente apesar das dificuldades, se não consigo responder uma atividade busco ajuda, leio novamente até entender ou resolver. Acredito que tudo vai dar certo no final independente das dificuldades enfrentadas.

\_\_\_\_\_

**QUESTÃO 2**-Sou escolhido para liderar os trabalhos e atividades e as pessoas pedem minha opinião em assuntos na escola ou em casa e geralmente influencio a opinião delas sobre algum assunto discutido.

\_\_\_\_\_

**QUESTÃO 3**-Você consegue fazer com que as pessoas escutem e aceitem sua opinião? Por exemplo, em um debate sobre algum assunto.

\_\_\_\_\_

**QUESTÃO 4**-Planejo o que vou fazer, crio prazos para cumprir tarefas e sou organizado(a).

\_\_\_\_\_

**QUESTÃO 5**-Sempre que me deparo com um problema procuro soluções e formas de resolvê-lo.

\_\_\_\_\_

**QUESTÃO 6**-Estou em busca de novas informações, leio notícias, livros e busco sempre descobrir a origem das coisas e aprender a fazer coisas novas.

\_\_\_\_\_



UNEB- Universidade do Estado da Bahia

Departamento de Ciências Humanas – *Campus VI*



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME - RESOLUÇÃO N<sup>o</sup> 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

#### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_

Sexo: F ( ) M ( ) Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ responsável \_\_\_\_\_ legal:

Documento de Identidade n<sup>o</sup>: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_/(\_\_\_\_) \_\_\_\_\_/

#### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O FORTALECIMENTO SOCIAL DOS JOVENS E ADOLESCENTES DO SEMIÁRIDO BAIANO
2. **PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:** Gabriele Santos Carvalho
3. **Cargo/Função:** Discente do Programa de Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS).
4. **Orientadora:** Profa. Dra. Jaqueline dos Santos Cardoso

#### 5. III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA

Caro (a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES NO SEMIÁRIDO BAIANO, de responsabilidade da pesquisadora Gabriele Santos Carvalho, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo entender a capacidade da educação empreendedora inserida na educação básica como ferramenta para pensar ações criativas de fortalecimento dos jovens no semiárido baiano A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios

como possibilitar o contato com uma nova proposta de ensino que pode facilitar a aprendizagem. Bem como, despertar características empreendedoras como: perseverança, planejamento, busca de conhecimentos que podem servir para o gerenciamento da própria vida. A pesquisa ainda possibilitará a investigação científica e ampliação do estudo sobre o comportamento empreendedor beneficiando também a pesquisadora que a partir dessa investigação escreverá sua dissertação de mestrado. A participação na pesquisa não oferece riscos físicos, morais, intelectual, social, cultural ou psíquico. Ao trabalhar o comportamento é possível incentivar a transformação de hábitos já instaurados, porém a participação nas oficinas o participante não passará por nenhum constrangimento ou sofrerá qualquer dano.

Caso o Senhor (a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele (a), participará de oficina com jogos, vídeos e textos que possibilitem o desenvolvimento das características empreendedoras, participará de observações sobre o tema e responderá a dois questionários sobre o comportamento diante dos estudos e na escola que serão aplicados pela aluna Gabriele Santos Carvalho do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), Em Nível De Mestrado Profissional, da UNEB campus VI, Caetitê. Durante a participação na oficina, nas observações e no preenchimento dos questionários seu filho não sofrerá qualquer tipo de constrangimento. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto, seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA – Estatuto da criança e do adolescente desta forma a imagem de seu filho será preservada, só será utilizada imagem que não seja possível sua identificação. Caso queira (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr.(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras é garantido ao participante da pesquisa o direito à indenização caso ele seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

#### V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:** Gabriele Santos Carvalho  
Endereço: Rua Barão do Rio Branco, nº 126-CEP 46570-000-Botuporã-Bahia.  
Telefone: (77) 981295910  
**E-mail:** gabriecarvalho35@hotmail.com

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP** SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

#### **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.**

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador (a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES DO SEMIÁRIDO BAIANO** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu filho, sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa



\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador discente  
(orientando)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor responsável  
(orientador)



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS VI**  
**COLEGIADO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E**  
**SOCIEDADE (PPGELS)**

**TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS -**

**CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa: **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES DO SEMIÁRIDO BAIANO**, seus pais permitiram que você participe. O objetivo da pesquisa é entender a capacidade da educação empreendedora inserida na educação básica como ferramenta para pensar ações criativas de fortalecimento dos jovens no semiárido baiano. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será convidado(a) a responder dois questionários com perguntas abertas e fechadas sobre seu comportamento diante dos estudos e na escola, também poderá participar de observações e de uma oficina que terão atividades com jogos, textos, conversas e vídeos baseadas no desenvolvimento das características empreendedoras como persuasão, busca de conhecimentos, proatividade, perseverança. A participação na pesquisa não oferece riscos físicos, morais, intelectual, social, cultural ou psíquico. Ao trabalhar comportamento é possível incentivar a transformação de hábitos já instaurados, porém durante todas as atividades desta pesquisa você não passará por nenhum constrangimento ou sofrerá qualquer dano, caso você queira poderá desistir e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir a gerar novos conhecimentos e aprendizagens. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os estudantes que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para tirar dúvidas pelos telefones:

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:** Gabriele Santos Carvalho

**Endereço:** Rua Barão do Rio Branco **Telefone:** (77)981295910

**E-mail:** gabrielecarvalho35@hotmail.com

**Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, UNEB - Pavilhão Administrativo – Térreo - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. CEP: 41.150-000 Tel: (71) 31172445 E-mail: cepuenb@uneb.br**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa: EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA O FORTALECIMENTO DOS JOVENS E ADOLESCENTES DO SEMIÁRIDO BAIANO. Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Botuporã, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura do pesquisador

## **ANEXOS**

Anexo 1- Texto utilizado na oficina retirado do livro: As armas da persuasão.

Anexo 2- Parecer de aprovação da pesquisa no Conselho de Ética.

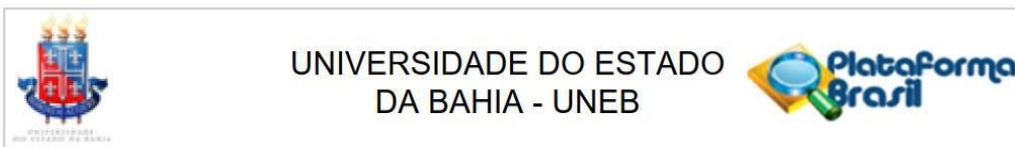
**Anexo 01- Texto utilizado na oficina retirada do livro: As armas da persuasão.**

Mamãe e papai queridos, desde que vim para a faculdade tenho sido negligente com as cartas e peço desculpas por não ter dado notícias antes. Vou contar as novidades agora, mas, antes de lerem, por favor, sentem-se. Não continuem se não estiverem sentados.

Bem, estou me virando direitinho. A fratura do crânio e a contusão que sofri ao saltar da janela do meu dormitório, que pegou fogo logo após a minha chegada, estão quase curadas. Passei apenas duas semanas no hospital e agora já consigo enxergar quase normalmente e só sinto aquelas dores de cabeça horríveis uma vez por dia. Por sorte, o incêndio no dormitório e o meu salto foram testemunhados por um frentista do posto de gasolina próximo ao dormitório, e foi ele quem chamou os bombeiros e a ambulância. Ele também me visitou no hospital e, como eu não tinha onde morar porque o dormitório foi destruído, fez a gentileza de me convidar para ficar no seu apartamento. Na verdade, é um quarto no porão, mas bem legalzinho. Ele é um bom rapaz e nos apaixonamos perdidamente. Planejamos nos casar. Não marcamos a data exata ainda, mas será antes que minha gravidez se torne aparente. Sim, mamãe e papai, estou grávida. Sei quanto vocês queriam ser avós e que darão ao bebê o amor, a devoção e o carinho que me deram quando eu era criança. A razão do atraso em nosso casamento é que meu namorado tem uma infecçõzinha que nos impede de passar pelos exames de sangue pré-nupciais, e eu, por descuido, contraí também. Sei que vocês irão recebê-lo na nossa família de braços abertos. Ele é simpático e, embora não tenha formação acadêmica, é ambicioso. Agora que já dei as notícias, quero dizer que não houve incêndio no dormitório, não tive uma contusão nem uma fratura no crânio, não estive no hospital, não estou grávida, não estou noiva, não estou infectada e não tenho namorado. Porém, tirei quatro (4) em história e dois (2) em química, e quero que vejam estas notas a partir de uma perspectiva adequada.

Sua filha, Sharon

Texto do livro: As armas de persuasão de Robert B. Cialdini, Ph.D.



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DA BAHIA - UNEB



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: UMA PROPOSTA DE ENSINO PAUTADA NO FORTALECIMENTO SOCIAL DOS JOVENS SERTANEJOS .

**Pesquisador:** GABRIELE SANTOS CARVALHO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 19438919.8.0000.0057

**Instituição Proponente:** Departamento de Ciências Humanas - Campus VI

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.745.308

#### Apresentação do Projeto:

Este estudo discute em que medida uma proposta de ensino pautada na Educação Empreendedora e contextualizada com a realidade dos estudantes é capaz de gerar perspectiva nos jovens sertanejos? Sua fundamentação teórica parte de autores como Fernando Dolabela e amplia essa discussão para propor o fortalecimento social dos jovens sertanejos. Para isso serão utilizados questionários, oficinas, análise de documentos e entrevistas que serão desenvolvidos nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental anos finais na Escola Municipal Castro Alves no interior da Bahia.

#### Objetivo da Pesquisa:

O objetivo dessa proposta é entender a capacidade da Educação Empreendedora inserida na Educação Básica como forma de fortalecimento social dos jovens sertanejos no município de Botuporã no interior da Bahia.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

No formulário PB vem descrito como riscos: "A participação na pesquisa não oferece riscos físicos, moral, intelectual, social, cultural ou psíquico. Ao trabalhar comportamento é possível incentivar a transformação de hábitos já instaurados, porém a participação nas oficinas o participante não passará por nenhum constrangimento ou sofrerá qualquer dano. Seus direitos serão informados no TCLE, entre eles o de poder desistir a qualquer momento da participação na pesquisa".

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

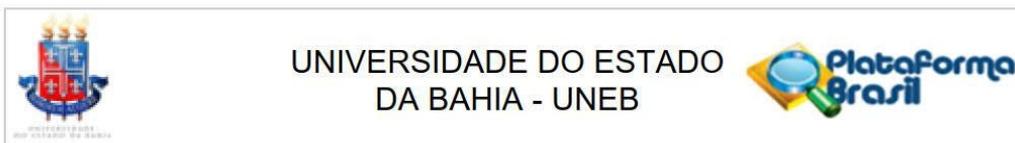
**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.745.308

Comentários: A pesquisadora atendeu às normativas 466/2012 e a 510/2016.

Benefícios:

Segundo o formulário PB foi identificado como benefício: "O despertar de perspectivas nos jovens sertanejos revela benefícios extensivos em toda sociedade, desde a fixação das famílias e seus membros em sua terra natal, enriquecendo assim o vínculo afetivo. Melhora de índices de abandono escolar e migração, bem como possibilita aos jovens enxergar outra realidade que é marcada por fatores externos a eles, mas que a partir do conhecimento e de um olhar crítico é possível usar das características empreendedoras como perseverança, planejamento, criatividade. Para intervir coletivamente e propor novas alternativas. A pesquisa ainda possibilitará a investigação científica e ampliação do estudo sobre o comportamento empreendedor beneficiando também a pesquisadora que a partir dessa investigação escreveu sua dissertação de mestrado".

Comentários: A pesquisadora atendeu às normativas 466/2012 e a 510/2016.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa tem relevância, pois ela busca conhecer a educação empreendedora no ensino médio. Entretanto segue algumas considerações para melhorar o projeto.

Informa que o critério de inclusão e exclusão é: A pesquisa será desenvolvida na Escola Municipal Castro Alves, na cidade de Botuporã no interior da Bahia. A população a ser investigada é composta por uma amostra de 30 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental anos finais, entre 13 e 16 anos, selecionados de forma aleatória que serão convidados a participar de forma livre e esclarecido.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de rosto: em conformidade

Termo de autorização da coparticipante: em conformidade

Termo de autorização da proponente: em conformidade

Termo de Compromisso: em conformidade

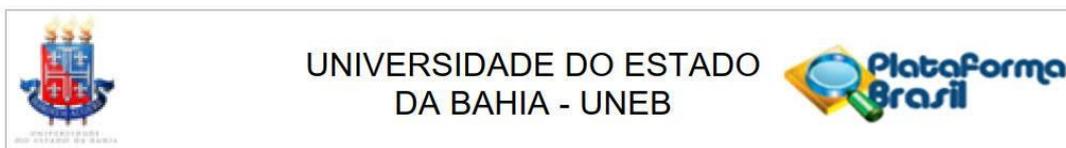
Termo de confidencialidade: em conformidade

Termo de concordância: em conformidade

Termo de Assentimento do menor: em conformidade

TCLE: em conformidade

<b>Endereço:</b> Rua Silveira Martins, 2555	<b>CEP:</b> 41.195-001
<b>Bairro:</b> Cabula	
<b>UF:</b> BA	<b>Município:</b> SALVADOR
<b>Telefone:</b> (71)3117-2399	<b>Fax:</b> (71)3117-2399
	<b>E-mail:</b> cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.745.308

Cronograma: atualizar

**Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise consideramos que o projeto encontra se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1410655.pdf	01/11/2019 10:07:52		Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	01/11/2019 10:07:13	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Outros	Termoassentimentomenor.pdf	01/11/2019 10:06:34	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	01/11/2019 10:06:12	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	01/11/2019 09:57:29	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Outros	termoconcordancia.pdf	21/08/2019 14:46:41	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

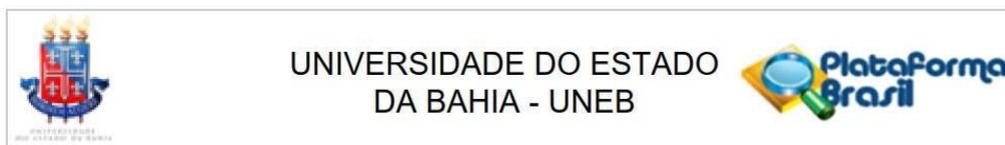
**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.745.308

Outros	TERMOPROPOENTE.pdf	21/08/2019 14:43:41	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Outros	Termodeintitucionaldacoparticipante.pdf	21/08/2019 14:41:28	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Outros	Termodeconcessao.pdf	21/08/2019 14:39:47	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Outros	TERMODECOMPROMISSOPARACOLE TADEDADOSEMARQUIVOS.pdf	21/08/2019 14:35:47	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Outros	TERMODECONFIDENCIALIDADE.pdf	21/08/2019 14:34:12	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TEMRODECOMPROMISSODOPEQUI SADOR.pdf	21/08/2019 14:30:36	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	21/08/2019 14:16:47	GABRIELE SANTOS CARVALHO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 05 de Dezembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**Aderval Nascimento Brito**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555  
**Bairro:** Cabula **CEP:** 41.195-001  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br